

# AGORA

FENAE

# FOME

**Problema crônico de  
um Brasil sem rumo**

*Política econômica do  
governo FHC subordina  
os interesses nacionais  
ao FMI e só faz aumentar  
o número de pobres  
e famintos no país*



Sejamos como o Cerrado  
brasileiro, que renasce  
das cinzas a cada incêndio.  
Mais verde e mais resistente

*Boas festas e um Ano Novo pleno de vitórias*



São os votos da diretoria da Fenae aos empregados  
da Caixa e demais leitores da FENAE AGORA



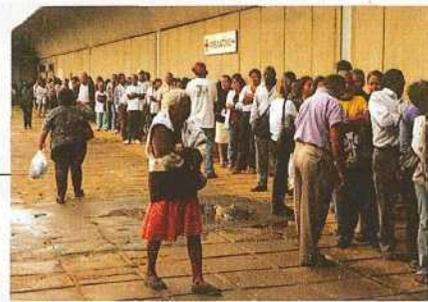
**Capa:**  
54 milhões de brasileiros passam fome ou comem muito mal. E o problema ainda está longe de ser solucionado  
Pág. 12



**Jogo de malha:**  
Brincadeira de rua que veio de Portugal e é praticada em todo o Brasil  
Pág. 36



**Cachoeiras e cânions no coração do Brasil:**  
É a Chapada dos Guimarães, no estado do Mato Grosso  
Pág. 30



**Previdência pública:**  
Governo federal aplica no setor lógica da iniciativa privada  
Pág. 20

**7** Jânio de Freitas analisa subserviência da imprensa brasileira ao governo FHC

Flexibilização da CLT é mais um golpe contra os direitos dos trabalhadores

**22** Programas de assistência à saúde das estatais estão sob ameaça

**24** Nise da Silveira: liberdade para os loucos

**26** Cresce resistência popular contra a privatização dos serviços de água e esgoto

**28** A aids aumenta entre heterossexuais

**33** Tárk de Souza fala da música instrumental brasileira



**Música capira:**  
Manifestação da essência do povo brasileiro  
Pág. 34

## Pesadelo semeado pela falta de distribuição de renda

O combate à fome, um mal que vitima 1/6 da população total do país, não é encarado como prioridade orçamentária pelo governo Fernando Henrique Cardoso. O resultado da falta de investimentos na área social são o abandono, a miséria e a violência que desgraçam a vida de milhares de cidadãos. Esse é o preço pago por uma pretensa estabilidade econômica, que nunca chega para a grande maioria da população. O patrimônio público foi quase todo vendido e o Brasil continua completamente inseguro. Sem rumo. O Mapa da Fome traçado pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Aplicada), divulgado no ano de 1993, revela que 44 milhões de brasileiros estão abaixo da linha de pobreza.

É necessário inverter a lógica expressa acima. É curta a distância da fome à falta de distribuição de renda no país. A política de rendas deve ser um dos elementos-guias da política econômica como um todo, de modo que as políticas agrária, agrícola, de abastecimento e de emprego tenham nela uma referência fundamental. A fome tem uma base econômica, pois a flagrante desigualdade é solo fértil para que as relações sociais degenerem.

Tem também uma base política: numa sociedade em que é baixa a cidadania, como ocorre com a brasileira, legitimam-se di-

versas formas de marginalidade. A fome tem ainda uma base cultural e moral, pois é realimentada todos os dias pelos valores que incentivam a desigualdade nos mais diferentes setores de convívio social.

O combate à miséria e à desigualdade precisam ser simultâneos. Não há como reduzir pobreza sem fazer distribuição de renda. Assim pensa Luiz Inácio Lula da Silva, que concedeu entrevista para esta edição da FENAE AGORA. Esse modelo de desmonte também avança por outros setores da economia, como previdência, assistência à saúde e negociação trabalhista. Até o saneamento básico está sendo alvo da ameaça de privatização. Para mudar o rumo da política econômica desse governo, que subordina os interesses nacionais ao FMI, é preciso apostar na democracia e no avanço da consciência do povo, conforme definido por Lula.

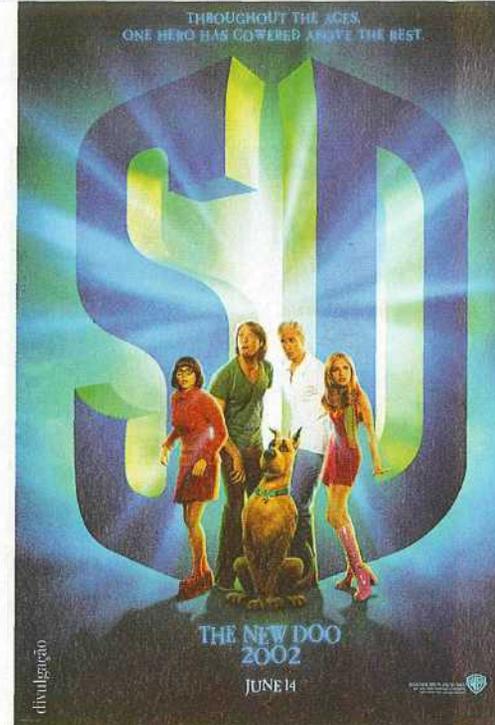
O noticiário desta edição traz ainda informações sobre o lado belo do Brasil. A música caipira, como parte do ambiente rural, é retratada em toda a sua pujança. Tem também Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso, que possui uma das formações geológicas mais antigas do planeta. Verdade seja dita: se são muitas as formas de exclusão social, tendo a fome como parâmetro, do mesmo tamanho são as possibilidades de resistência.

## Para cego ouvir

O site [www.audioteca.com.br](http://www.audioteca.com.br) oferece preciosidades para deficientes visuais e também crianças que adoram ouvir histórias em fitas K7. São mais de mil títulos didáticos, literários e religiosos, além de revistas, gravados por voluntários. Os títulos literários vêm com resenha e se dividem em clássico, contemporâneo, infanto-juvenil e poesia. Os deficientes visuais que quiserem consultar a página têm que usar o Webvox para ouvir as orientações. Para os demais, a navegação é pela Internet Explorer. Os livros escolhidos são solicitados por e-mail, telefone ou carta e pagos somente no ato de entrega.

## Loucos por cinema

O site [www.cinema.art.br](http://www.cinema.art.br) já tem quatro anos e está cada vez melhor. Atualizado a cada dois dias, ele oferece informações quentíssimas para os aficionados por cinema: cartazes, roteiros, músicas-tema, premiações, trailers e até diálogos. As músicas são ouvidas em formato midi e os diálogos em real áudio. Em notícias, tudo sobre os filmes que estão entrando em cartaz aqui ou no exterior: informações técnicas, direção, elenco, sinopse, datas de estréia, prêmios aos quais estão concorrendo ou sendo indicados e notícias da produção. O novo filme de Walter Salles, "Abril Despedaçado", que em inglês recebeu o nome de "Behind the Sun" - Atrás do Sol - é um dos destaques da página. Entre os cartazes, "Harry Potter e a Pedra Filosofal". E o roteiro completo de Taxi Driver e Bonnie and Clyde, dois



clássicos do cinema americano. O navegante pode ainda pedir informações por e-mail ou comentar algum filme. E o melhor de tudo: acessa a programação de cinema de todas as capitais do país.



**FENAE** net

AGORA

FENAE notícias

← Página inicial
Contatos
Download
Links
Agenda

• Quem somos
• Campanhas
• CEE - Caixa
• Economia
• Seu direito

## Nova página da Fenae

A Fenae modificou a sua homepage, que agora está mais ágil e cheia de novidades. Uma delas é a criação da personagem Azuleide, uma simpática animação que aparece na primeira página com

**notícias de interesse dos empregados.** A outra é a abertura de um espaço para que os artistas da Caixa possam mostrar seus trabalhos. Em "Quem faz a Caixa, faz Arte", os artistas vão poder se inscrever para expor produções em música, artes cênicas, esporte, fotografia, literatura, artes plásticas e trabalho social. Ainda na página, uma agência de notícias, com recorte das informações dos jornais do dia que interessam aos empregados da Caixa e aos bancários em geral; o Fenae Net, um boletim diário com assuntos das Apefs e dos sindicatos e mais, muito mais. Navegue nesta nova página e fique linkado com os seus companheiros em todo o Brasil: [www@fenae.org.br](mailto:www@fenae.org.br)

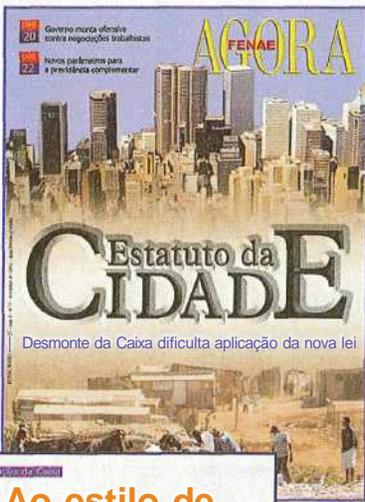
**AGÊNCIA**

FENAE



## Pesquisa selecionada

A pesquisa sobre a crise argentina, que a agência Fenae colocou no ar no início de dezembro, foi selecionada pelo site [www.enquetes.com.br](http://www.enquetes.com.br) como uma das melhores do mês. Esse site faz enquetes sobre todo tipo de assunto e reproduz pesquisas de outros sites, além de criar links para que outros internautas possam participar e dar opiniões. Entre as manifestações feitas na nossa pesquisa, no site enquetes, tinha internautas mandando os brasileiros botar as barbas de molho. Na opinião deles, a situação da argentina é resultado da política neoliberal imposta pelo FMI. Quem quiser responder a mais pesquisas criativas, clique no site [www.enquetes.com.br](http://www.enquetes.com.br), que faz perguntas sobre tudo: comportamento, economia, política interna e externa, turismo etc...etc...etc...



# Desabafo

É com profundo sentimento de frustração que torno público minha situação, que deve ser similar a de muitos ex-colegas. Como o provento constante no meu contracheque de setembro do corrente ano tinha o mesmo valor do emitido em agosto de 1996, por ocasião do jubileamento, resolvi recorrer à Caixa para corrigir uma consignação, dinheiro que serviria para pagar oito prestações do SFH (Sistema Financeiro da Habitação).

Qual não foi minha surpresa ao me deparar com um onisciente Siric, que decidiu me negar e a mais três almas a possibilidade de continuar morando no apartamento que, com muito sacrifício, adquiri numa época em que havia solidariedade nesta empresa. É desnecessário confessar que meu cadastro contém restrições. Mas por que a Caixa toma uma atitude antipática e desumana, se este é o tipo mais seguro de empréstimo? Não há a mínima possibilidade de inadimplência e é um produto que ela fornece aos clientes como qualquer outro.

O que dizer da Funcef que, a cada reajuste consentido pelo INSS, nos subtrai o percentual agindo à margem da Constituição? Hoje, a fundação funciona como financeira e se aproveita da lamentável situação dos usuários para, bancando a "boazinha", adiantar parte da 'merreca' do 13º e cobrar juros de mercado. Pura agiotagem. O que dizer da patrocinadora, a Caixa, que se nega a estender o benefício dos tíquetes a todos os aposentados. O pagamento desse benefício seria uma solução administrativa simpática, que atenuaria os problemas vividos pela maioria. Mas que nada! Embora haja jurisprudência, utilizam todos os artifícios possíveis e imagináveis ad nauseam. Puro saco de

maldades. Uma auditoria séria apontaria prejuízo com custas judiciais e despesas com escritórios de advocacia.

O que dizer do sr. Edo Freitas que, com a cara de pau típica desta raça que infesta os porões do poder, se vangloria da elevação do valor patrimonial da Funcef, de R\$ 7 bi para R\$ 9,5 bi. A que custo? O que dizer do malfadado REB, placebo vendido como panacéia para os aposentados, vagabundos, segundo o conceito oficial. Quanto foi gasto em publicidade e formação de facilitadores para vender um natimorto (a exemplo do pacotão). É um processo que se arrasta como deboche desde outubro de 1999. Um acinte. Quantos já se despediram desta vida terrena neste período? A Caixa, aliás, é a parte mais interessada na migração. Tanto que colocou um diretor representante biônico, desprezando o escrutínio.

...De positivo, a revista FENAE AGORA... Fica registrado o protesto de quem se desnudou e se humilhou sem ter uma contrapartida favorável. Que meu exemplo sirva de norte para alguns jovens idealistas. Pensem várias vezes antes de se dedicarem à Caixa. Ela não merece vosso esforço.

Renato Werner Giergowicz (aposentado)  
Porto Alegre (RS)

# Desmonte

Parabéns à FENAE AGORA pela brilhante reportagem sobre o desmonte da Caixa. Traz importantes esclarecimentos para nós, leitores e empregados da Caixa. Já tinha ouvido falar sobre o assunto, mas o alerta é de grande valor para todos nós, que, em geral, não nos damos conta do poder de barganha existente. Estamos há sete anos sem qualquer reposição salarial e condenados à pobreza.

Dante Crespo de Araújo  
Rio de Janeiro (RJ)

# Arte

Estou na Caixa desde 1984 e também faço arte. Minha arte está na internet. Meu site Verdes Trigos: <http://www.verdestrigos.com.br>. Verdes Trigos é um site cultural, onde busco divulgar a literatura nacional.

Henrique Chagas  
Presidente Prudente (SP)



A seção "Dos Leitores" é o espaço de opinião do leitor.

FENAE AGORA se reserva o direito de resumir as cartas, sem prejuízo do conteúdo.

As correspondências devem ser devidamente identificadas (assinatura e endereço).



# Os bons amigos

■ Jânio de Freitas

**O** que aconteceria se a mídia não fosse governista ou, mais precisamente, tão governista? Outra formulação possível: o que seria de Fernando Henrique Cardoso se jornais e revistas lhe dessem o mesmo tratamento que outros receberam?

Duas perguntas que dariam uma noite divertida, caso sobrevivessem ainda os chamados jogos de salão dos dias machadianos.

No dia em que escrevo, os jornais registraram a derrota do governo por *Il a O* no Supremo Tribunal Federal, na questão do pagamento aos professores universitários em greve. Houve o registro, sim, mas com plena evidência do constrangimento em fazê-lo. Fosse nos tempos de Itamar Franco, José Sarney e mesmo do general Figueiredo, as manchetes seriam inevitável, uniforme e unanimemente assim:

"Governo derrotado por *Il a O* no STF". As consequências da associação plena da mídia ao governo Fernando Henrique, por efeito da associação ao próprio, incluem uma contradição curiosa: a mídia que não sofreu aflições financeiras e econômicas durante as presidências a que tanto hostilizou,

até ganhando muito naqueles períodos, está sofrendo a ação predatória da política econômica como só lhe ocorreu em raras ocasiões.

Todos os grandes grupos de mídia \_ repito: todos sentem a asfixia das dificuldades financeiras. As causas? Bem, as internas, de natureza jornalística e administrativa, variam de caso a caso, inclusive na intensidade com que atingem cada uma das empresas. Mas as causas comuns não têm variação nem exceção: a queda do poder aquisitivo refletiu-se no faturamento de venda avulsa e de assinaturas; a insuficiente atividade industrial e comercial, forçada pela política econômica anticrescimento, impôs queda brutal no faturamento com publicidade.

Temos, então, esta situação peculiarmente subdesenvolvida: a mídia é fraternalmente solidária ao presidente e ao governo que a corroem com a indiferença de um cancro. Se isso não for um retrato perfeito da "elite" econômica e, em particular, de sua dominante fração paulistana, nada mais será capaz de retratá-la.

Jânio de Freitas,  
Jornalista

# O pescoço contra a guilhotina

**Projeto de reforma na CLT acaba com direitos conquistados em um século de duras lutas travadas pelos trabalhadores**

**O**s trabalhadores brasileiros vivem em permanente agonia, sempre à espera do pior. Acuados pela onda neoliberal, na qual surfa com dedicação espantosa o governo FHC, lutam para segurar o emprego, muitas vezes submetendo-se a condições indignas de trabalho e à completa ausência de democracia na relação com os empregadores.

Por conta da modernização de mão única da economia, que dá ao capital supremacia absoluta sobre o trabalho, o que prevalece são as metas de produtividade, sempre em benefício do lucro e em prejuízo do nível de emprego e dos salários. No fi-

nal do mês, sobra trabalho e falta pão, saúde, educação e lazer ao assalariado e seus familiares. Muitos são rebaixados à condição de trabalhadores informais (desprovidos de direitos mínimos, como o da aposentadoria) e outros tantos são empurrados para a miséria e engrossam o exército dos sem-renda e sem-cidadania.

É nesse ambiente que o governo aprovou na Câmara Federal a proposta de mudar a velha CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) com o objetivo de fazer com que as condições de trabalho acertadas entre sindicatos de trabalhadores e patrões - por convenção ou acor-

do coletivo - prevaleçam sobre o que é previsto na legislação.

O projeto apresentado ao Congresso Nacional encontrou forte oposição na maioria do movimento sindical, sobretudo na CUT (Central Única dos Trabalhadores). O coro ao governo, pra variar, ficou por conta da Força Sindical.

Para a CUT, as modificações na CLT "visam acabar com direitos conquistados em um século de duras lutas travadas pelos trabalhadores", entre os quais a jornada de 8h (ou de 6h, no caso dos bancários), férias, descanso semanal remunerado, licença gestante, horas extras



"Nossa luta é para assegurar  
que os sindicatos sejam  
ouvidos e respeitados"

*José Alonso - vice-presidente da Fenae*



Foto: Augusto Regis

e 13º salário. A central defende a livre negociação desde que se respeite e amplie os direitos dos trabalhadores. "Se com a CLT em vigor os patrões já se negam a cumprir direitos, imagine sem uma lei que os obrigue a isso", questiona João Felício, presidente da entidade.

Luís Marinho, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, reforça também a defesa da livre negociação desde que isso não implique em criar condições para o rebaixamento de direitos: "Temos que criar a cultura da negociação coletiva de fato e não é a mudança da CLT que vai propiciar isso. A partir dos direitos mínimos previstos em lei há uma ampla margem para o exercício da livre negociação, mas que não é feito exatamente porque o governo e os patrões não querem. Eles querem negociar apenas para baixo, por isso tentam mudar a legislação".

Na opinião de Marinho, a mudança a ser feita é na estrutura sindical, para que se assegure liberdade e autonomia às representações dos trabalhadores. E eventuais mudanças na CLT até poderiam ser "decorrência" disso.

O projeto, agora, será votado no Senado, provavelmente em abril ou maio do próximo ano. Os trabalhadores devem pressionar os senadores de seus estados para impedir mais esse golpe.

"Não é a mudança na CLT que vai  
criar a cultura da negociação  
coletiva de fato"

*Luís Marinho - pres. Sind. Metalúrgicos do ABC*



Foto: Jamuário F. da Silva

"Sem direito de greve, as  
mudanças na CLT representam a  
luta do pescoço contra  
a guilhotina"

*José Domingos de Godoi - dir. da Andes-SN*



Foto: assessoria de imprensa da Adufimat

"Em nome do emprego,  
muitos podem ser  
forçados a trabalhar  
pelo prato de comida"

*Maurício Rubem - presidente da FUP*

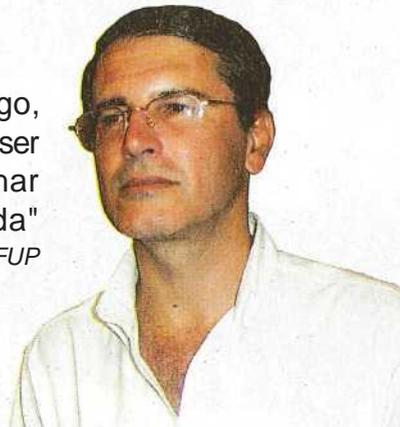


Foto: arquivo FUP



## O mau exemplo do governo FHC

O discurso de modernização das relações capital e trabalho mostra-se completamente fora de compasso com a prática do próprio governo. O que ocorre na Caixa Econômica Federal retrata uma farsa que se repete também nas demais empresas, órgãos e instituições públicas. As negociações dos acordos coletivos são conduzidas com indiferença, descaso e boa dose de irresponsabilidade por parte daqueles que sentam à mesa com os trabalhadores, em nome do governo. Ao longo dos últimos anos, as campanhas salariais na Caixa se caracterizaram pelo retrocesso. A intransigência e o autoritarismo da direção da empresa sufocaram as negociações e anularam qualquer possibilidade de benefícios aos trabalhadores. Os salários estão sem reajuste há sete anos e muitos direitos e conquistas foram suprimidos.

Em 2000, a deterioração das relações trabalhistas chegou ao ponto de inviabilizar a assinatura de acordo coletivo. A comissão de negociação dos empregados foi orientada por mais de 90% dos sindicatos a não aceitar a pretensão da empresa de impor novamente reajuste zero e rebaixar ainda mais as cláusulas do acordo anterior.

Este ano, os trabalhadores decidiram em congresso que não mais negociariam em separado com a Caixa

e que deveria prevalecer a Convenção Coletiva Nacional dos bancários, negociada com a Fenaban (Federação Nacional dos Bancos). A direção da empresa, a exemplo do que fez em 2000, assinou um acordo com a Contec, acordo esse que não foi submetido à apreciação de nenhuma assembleia dos empregados da Caixa. E nega-se a aplicar a Convenção Coletiva Nacional dos bancários. O acordo com a Contec, como era de se esperar, refletiu apenas o que a empresa queria: reajuste zero e mais direitos eliminados. Entre os direitos que foram rebaixados ou suprimidos está a assistência médica (a Contec concordou com a mudança do programa, com prejuízo aos trabalhadores).

**Autoritarismo da direção da Caixa prejudica os empregados**

"Assim não dá para falar em livre negociação e, tampouco, em autonomia e fortalecimento das entidades que de fato representam os trabalhadores", protesta José Carlos Alonso, vice-presidente da Fenae. Na opinião do dirigente, é preciso desmontar esse "círculo" armado pelo governo

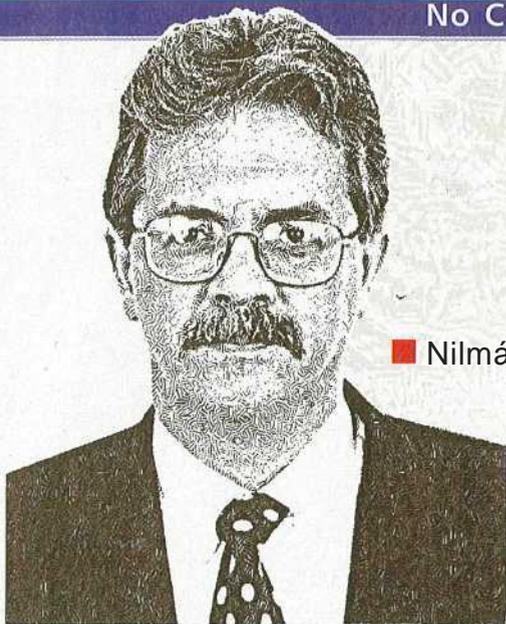
FHC e fazer com que as legítimas representações dos trabalhadores tenham vez e voz de fato: "A nossa principal luta na Caixa hoje - e acho que é também a luta da maioria dos trabalhadores brasileiros - é assegurar que as nossas representações (os sindicatos) sejam ouvidos e respeitados como nossos interlocutores. Sem resolver essa questão básica, que é a da representação dos trabalhadores, é piada falar em negociar acordo coletivo com a possibilidade de se modificar até o que está previsto em lei".

## Desrespeito à Constituição e afronta ao Judiciário

O professor José Domigos de Godoi, diretor do Andes-SN (Sindicato Nacional dos Docentes de Ensino Superior), é também de opinião que a alteração da CLT deflagra um combate do "pescoço contra a guilhotina". Ele lembra que o direito de greve, condição elementar para o exercício da ação sindical em um processo de livre negociação, tem sido flagrantemente desrespeitado pelo governo, contra a Constituição Federal. Em 28 de novembro, os professores universitários já haviam ultrapassado cem dias de paralisação. Aos invés de buscar uma solução negociada, o governo havia adotado, por decreto, um "pacote antigreve" para o setor público. O pacote passa por cima da Constituição e estabelece um limite (de 30 dias) ao direito de greve. Prevê como punição o corte do pagamento de salários. O governo vinha recusando-se a cumprir liminares que asseguravam o pagamento dos salários aos professores, em afronta ao Judiciário.

Para o presidente da FUP (Federação Única dos Petroleiros), Maurício França Rubem, sem a garantia do princípio da livre negociação, a ampliação do grau de flexibilização dos direitos trabalhistas, via mudanças na CLT, pode levar o trabalhador a uma situação parecida com a dos tempos da escravidão: "Em nome do emprego, muitos podem ser forçados a trabalhar pelo prato de comida". Maurício desafia o governo a dar um passo concreto em direção da liberdade e autonomia sindical, com a ratificação e aprovação das convenções da OIT (Organização Internacional do Trabalho) que tratam do tema.





■ Nilmário Miranda

## As estratégias da guerra e os caminhos da paz

**A** resposta americana ao ato terrorista de 11 de setembro, bombardeando o já devastado Afeganistão, constitui-se em flagrante equívoco político e militar. Civis inocentes e indefesos, como os do World Trade Center, estão morrendo nos bombardeios que atingiram, inclusive, as instalações da ONU e da Cruz Vermelha. Caso não sejam imediatamente interrompidos os atos de guerra, uma tragédia humanitária de proporções incalculáveis poderá expandir os cenários dos países conflitantes e vitimar populações civis em vários outros países.

Nos EUA discute-se abertamente a flexibilização dos direitos fundamentais como estratégia de combate ao terrorismo. Cogita-se, até mesmo, a utilização de métodos de tortura para obtenção de informações de suspeitos.

Se o terrorismo é execrável, o unilateralismo autoritário constitui-se em insustentável violação à consciência jurídica internacional.

A investigação, julgamento e a punição dos responsáveis pelos

atentados em Nova York e Washington deveriam ser guiadas pela ONU, em consonância com os ditames do direito internacional. Como fórum legítimo e imparcial para a resolução deste conflito, a Assembléia das Nações Unidas mereceria, neste instante, ser resgatada em sua centralidade universal e não desmoralizada e esvaziada institucionalmente.

A humanidade não pode aceitar que uma potência imponha a derrocada do que vem sendo construído a partir do encerramento da Segunda Guerra Mundial e o advento da Declaração Universal dos Direitos Humanos. O Direito Internacional aliado aos Direitos Humanos surge justamente como resposta à barbárie; constituem-se em avanços da humanidade e não podem ser manipulados por potências para atender particularismos.

Devemos caminhar rumo a um novo patamar na ordenação da Justiça internacional: trata-se da instalação do Tribunal Penal Internacional, histórico sonho dos

humanistas de todo o mundo. Quando 60 países ratificarem o Estatuto do TPI, ele será instalado em Haia para julgar criminosos que praticarem crimes de guerra, genocídio, crimes de lesa humanidade (dentre os quais o terrorismo e a tortura) e os atos de agressão. 44 países já o ratificaram, a partir de sua aprovação pela Conferência Diplomática de Plenipotenciários das Nações Unidas, realizada em julho de 1988. Naquela oportunidade, 120 países (entre eles o Brasil) votaram a favor de sua aprovação. Os EUA, por seu turno, manifestaram-se contrariamente ao TPI, alinhando-se a Israel, Irã, Iraque e China.

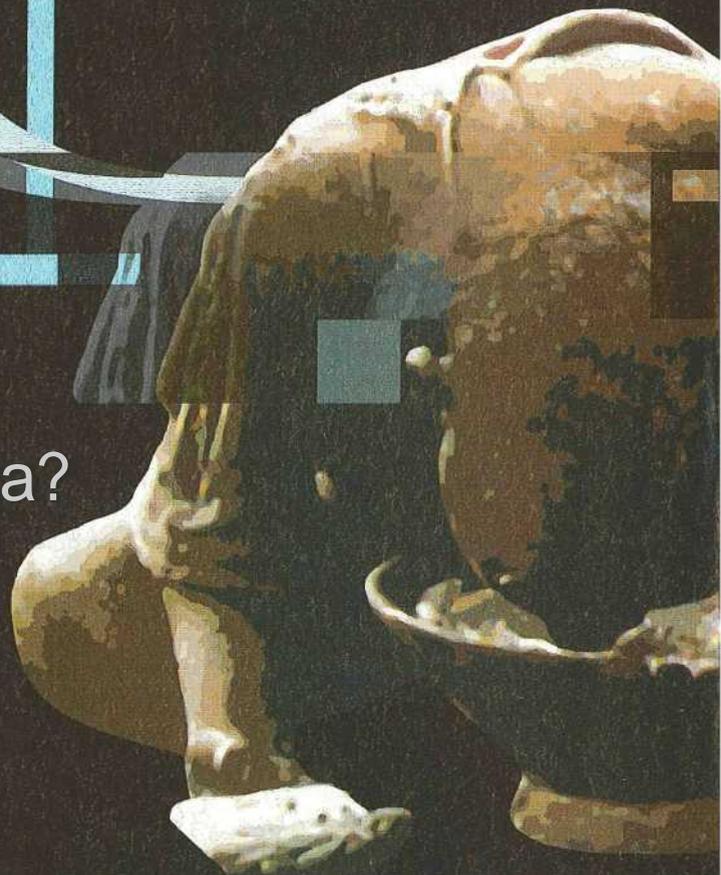
Os EUA que após o fatídico ato de terror de 11 de setembro, tentam reiterar perante a comunidade internacional o papel de paladino da Justiça planetária têm, infelizmente, reforçado os entraves aos avanços dos Direitos Humanos no mundo: não assinaram o tratado para banir as minas terrestres que mutilam milhões de pessoas; nem tampouco o protocolo de Kyoto, fundamental para frear o produtivismo predador; investem contra o Tribunal Penal Internacional; enfraquecem a ONU; abandonaram a Conferência contra o Racismo em Durban; e estimulam o tensionamento entre Israel e Palestina.

É certo quando os EUA afirmam que o terrorismo encarna um mal contra a humanidade. Quando alguém, algum grupo ou país ataca inocentes indefesos, esvai-se qualquer alegação que tente justificá-la. Não há causa justa com terrorismo. No entanto, devemos ter a compreensão que o processo de construção da paz não pode prescindir do respeito à diversidade e autodeterminação dos povos. O momento é de esforço diplomático pela construção de uma reação não militarista, que só será alcançada pela implementação do TPI.

Nilmário Miranda, deputado federal pelo PT-MG, é secretário-geral da Comissão de Direitos Humanos do Parlamento (Parlamento Latino-Americano).

# FOME

Até quando o país vai  
conviver com essa injustiça?





*O combate à fome no Brasil está na ordem do dia e gera muita polêmica. A começar pelo número dos que possivelmente não têm o que comer: dependendo da fonte, varia de 30 milhões a 54 milhões. Mas se a referência for o número mais baixo, esse percentual já equivale a 1/6 da população total do país.*

• **Márcia Lage**

O presidente Fernando Henrique Cardoso, que passou sete anos de mandato privatizando empresas públicas e gerando desemprego, arrocho salarial e mais concentração de renda, resolver agir no último ano. Criou o "Projeto Alvorada", com fins claramente eleitoreiros, para fazer marketing político usando a miséria do povo. Está gastando rios de dinheiro para anunciar, no horário nobre da televisão, que milhares de famílias estão sendo beneficiadas com o bolsa-escola, uma ajuda de R\$ 15,00 por cada filho matriculado - desde que não passem de três - para compra de comida. Na propaganda, a atriz global vai

tirando da sacola um monte de mercadorias que a dona de casa teria comprado com os R\$ 15,00 do governo. Mas de acordo com o Dieese (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos), a realidade é bem outra. Uma cesta básica já estava custando, em setembro, R\$ 116,54. A cesta básica é composta de 13 itens fundamentais para garantir a alimentação mensal a uma família de quatro pessoas: carne, leite, feijão, arroz, farinha, batata, tomate, pão, café, banana, açúcar, óleo e manteiga.

O programa do governo preocupa as autoridades e organizações que realmente querem acabar com a fome no Brasil. O bispo de Duque de Caixas, D. Mauro Morelli, que presidiu o Consea (Conselho de Segurança Alimentar) criado pelo ex-presidente Itamar Franco em resposta ao maior movimento popular já ocorrido neste país em favor dos miseráveis, o Ação da Cidadania contra a Fome e a Miséria, diz que "em verdade, FHC deveria ter promovido uma séria e radical reforma tributária que atingisse o problema pela raiz. Faltou-lhe coragem e de-

terminação política".

Para o ex-governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque, o primeiro a implantar o bolsa-escola no país, o presidente FHC fundiu dois programas (o renda mínima e o bolsa-escola) em um só, reduzindo o benefício a uma miséria que pode criar dependência e não promover a transformação que se espera. O PT defende propostas mais abrangentes de combate à pobreza, através de programas e ações contínuas sintetizadas no "Projeto Fome Zero", que o presidente de honra do partido, Luiz Inácio Lula da Silva, lançou no Congresso, no dia 16 de outubro, dia mundial de combate à fome.

Fernando Henrique Cardoso disse que o projeto é inviável, pois demandaria recursos da ordem de R\$ 70 bilhões (ou 6% do PIB - Produto Interno Bruto). Mas o Fórum Social Mundial, um movimento de organiza-

**A má distribuição de renda é a principal causa da fome**

ções da sociedade civil que busca soluções para os problemas que afligem a humanidade fora da lógica do capitalismo, afirma que tudo é uma questão de prioridade política. Em 1999 o governo pagou, só com juros da dívida pública, R\$ 94,4 bilhões, 66,5% de tudo que arrecadou em impostos e contribuições.

# Quantos passam fome neste país e por quê?

De acordo com dados do governo federal, 54 milhões de brasileiros estão abaixo da linha da pobreza (não têm renda para comer, vestir, morar e comprar remédios). Desses, 24 milhões podem ser classificados de miseráveis, pois não ganham nem para comer. O Mapa da Fome traçado pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Aplicada) em 1993 baseia-se na renda mínima de um dólar/dia que define a linha de pobreza pelo Banco Mundial. Por estes parâmetros, 44 milhões de brasileiros estariam abaixo da linha de pobreza, o que corresponde a 27,8% da população total do país.

Mas inúmeros outros métodos são usados para definir a fome, e um deles é o da FAO/OMS (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura e Organização Mundial de Saúde). Para estes dois organismos, a linha de pobreza é a soma do valor da cesta de alimentos mais as despesas não-alimentares (vestuário, moradia, remédio) que no Brasil se traduz pelo salário mínimo. Para satisfazer estas necessidades básicas, o salário mínimo teria que estar em torno de R\$ 1.100,00, calcula o Dieese.

Em 1999, 18,1% da população brasileira ganhava menos que um quarto do salário mínimo, e 3,5% não tinha nenhum rendimento, segundo a pesquisa nacional por amostra de domicílios do IBGE. Esses parâmetros dão uma população miserável um pouco menor que a estimada pelo Ipea, mas ainda dentro da casa dos 40 milhões de pessoas. A própria FAO distingue fome de subnutrição, sendo a primeira a carência de alimentos e a segunda as conseqüências disso para o organismo. Ou seja: se a fome for contínua compromete o desenvolvimento físico e

mental e pode levar à morte. Dentro desta linha o Brasil teria 15,9 milhões de pessoas.

Outros fatores usados para medir o grau de pobreza da população são o grau de instrução e as condições de moradia. Ainda de acordo com o IBGE, 13,3% da população adulta brasileira é analfabeta, e apenas 52,8% das casas possuem esgoto e fossa séptica. A coleta de lixo atinge 79,9% das moradias urbanas e nem chega perto das populações rurais. As populações negra e parda são as mais excluídas dos serviços de infra-estrutura básica: a água encanada atinge 82,8% dos brancos, contra 67,2% dos negros e pardos. Esgoto e fossa beneficiam 62,7% dos brancos, e apenas 39,6% dos negros e pardos.

A maioria desses excluídos se encontra em áreas rurais ou em pequenas cidades (35 milhões de pessoas) e o restante em grandes metrópoles (9 milhões). Nas áreas metropolitanas, 48% dos pobres estão ocupados no ramo de serviços, e na área rural, em atividades agrícolas. Contradi-

toriamente, a subnutrição atinge muito mais as populações rurais do que as urbanas, por causa da concentração da terra em grandes latifúndios. O estímulo à produção para exportação, a monocultura, a mecanização das lavouras trazem como consequência o desemprego no meio rural e os baixos salários pagos aos trabalhadores no campo. Outro fator da fome no campo é o desencontro geográfico entre a existência dos produtos e a localização das famílias mais necessitadas. Quase 90% da produção agrícola brasileira localiza-se no Sul, Sudeste e parte do Centro-Oeste, enquanto 60% dos famintos habitam o Norte e o Nordeste do país.

**Para acabar com a fome, o salário mínimo teria que ser de R\$1.100,00**



## O mínimo e a fome

O salário mínimo do Brasil é atualmente de R\$ 180,00, o equivalente a 72 dólares por mês (cotação do dólar a R\$ 2,50). Representa US\$ 2,40 ao dia. Se dividirmos esse valor por uma família brasileira média (casal e dois filhos), teremos US\$ 0,60/dia por pessoa. Para a FAO, essa família está abaixo da linha de miséria, pois tem renda inferior a US\$ 1/dia. A FAO defende um salário mínimo de pelo menos US\$ 100, e esta meta tem sido eterna promessa de campanha de todos os candidatos, em todos os tempos. Seria, hoje, R\$ 250,00. Mas o orçamento de 2002 prevê um salário mínimo de apenas R\$ 189,00. Mesmo que chegue aos R\$ 200,00, como querem alguns parlamentares, ainda não chegará aos 100 dólares. E será cinco vezes menor do que o calculado pelo Dieese. Para suprir as necessidades elementares de uma família de quatro membros, o salário mínimo teria que ter sido, já em outubro deste ano, de R\$ 1.081,04.



## "Olhar para a fome é, principalmente, buscar um outro modelo econômico"

O presidente de honra do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, faz parte do Instituto Cidadania, organização não-governamental responsável pela elaboração de propostas de combate à fome desde 1991. Lula conhece de perto a fome brasileira, pois há quase 10 anos está à frente das Caravanas da Cidadania, que o PT organiza pelo país afora para conhecer a realidade brasileira. Ele próprio é de origem pobre, um nordestino que chegou a São Paulo num pau-de-arara, até despontar como liderança do movimento sindical quando era metalúrgico da indústria automotiva brasileira. Lula explica à FENAE AGORA porque o combate à fome é a sua principal proposta de governo:

*FA: Nos últimos anos você passou a dar ênfase ao problema da fome no país. O que o levou a assumir essa atitude?*

**Lula:** Já em 1991 apresentamos à sociedade uma proposta de política pública voltada para enfrentar o grave problema da fome no Brasil. O Instituto Cidadania, com a participação decisiva do saudoso José Gomes da Silva, entre muitos outros especialistas, produziu o projeto "Política Nacional de Segurança Alimentar", que foi fortalecido com a Ação da Cidadania Contra a Miséria e Pela Vida, mais conhecida como "Campanha do Betinho".

Nesse projeto, já afirmávamos que é preciso realizar mudanças estruturais nas políticas agrária, agrícola, de abastecimento e de emprego para poder acabar com a fome no Brasil. Como nada disso foi feito, o que restou foi a parte assistencial da proposta, que é importante, mas não

resolve o problema.

Nós acreditamos que o Brasil tem todas as condições para enfrentar e vencer o problema da fome. Somos um país continental, com um povo forte e trabalhador. Temos condições naturais, técnicas e de cérebros para produzir toda a alimentação de que precisamos. A fome hoje no Brasil é definitivamente uma questão

muito mais ligada à falta de poder aquisitivo de grande parte da população urbana e rural do que à insuficiência da oferta de alimentos.

Podemos fazer muita coisa, em nível municipal e estadual, para avançarmos em direção a essa meta de fome zero em nosso país. Mas precisamos ter consciência

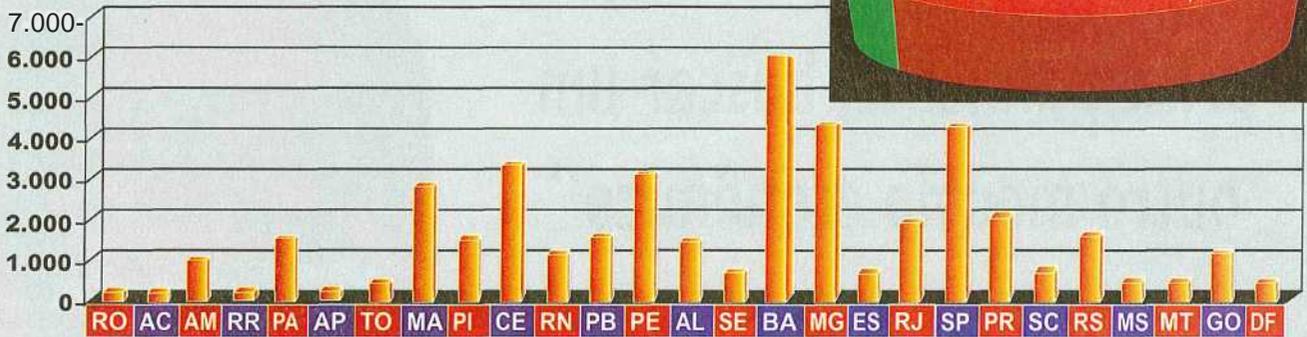
de que isso só será plenamente alcançado se continuarmos lutando para mudar o rumo da política econômica desse governo, que subordina os interesses do nosso país ao FMI e só faz aumentar o número de pobres e famintos no Brasil.

**O Brasil tem condições de produzir todo o alimento de que precisa**

## Pobres, segundo área de residência



## Pobres, segundo estados



Fonte: Tabulações especiais da PNAD 1999 e Censo Demográfico de 2000

*FA: Como você analisa o tratamento que o poder público e a própria sociedade têm dado à situação de miséria enfrentada por milhões de brasileiros?*

**Lula:** Certa vez um membro do governo disse que a burocracia emperra tanto as políticas sociais hoje, que é mais fácil jogar o dinheiro de helicóptero para que ele chegue nas mãos das pessoas. As cestas básicas são escassas. A bolsa-escola federal é muito reduzida - quanto será que é gasto em propaganda em comparação com o que é efetivamente repassado às famílias? Uma reportagem no *Journal do Comercio* de Recife, de 28/10 deste ano, mostrou que os projetos do governo federal, entre eles o bolsa-escola, não beneficiam nem 5% da população necessitada em Pernambuco - só para se ter uma idéia.

Por outro lado, o presidente Fernando Henrique fez questão de criticar pessoalmente o Fome Zero e, poucos dias depois de divulgarmos nossa iniciativa, garantiu a regulamentação do Fundo contra a Pobreza. Uma das principais críticas que o nosso projeto fazia era à falta de regulamentação desse fundo. Agora propõem justamente que seja usado no combate à fome. Fico contente se o Fome Zero já serviu pelo menos para isso.

Mas temos hoje uma desarticulação entre as iniciativas, falta um co-

mando. Era preciso que o próprio presidente assumisse a responsabilidade e vinculasse ao seu gabinete um órgão com a autoridade para, junto ao Ministério do Planejamento, defender o combate à fome e à miséria como uma prioridade orçamentária.

*FA: O que revelaram as "Caravanas da Cidadania"? Dependendo da região, a fome tem cara e impacto diferentes? A fome no Sul é menos dramática que a fome no Nordeste e no Norte?*

**Lula:** Veja que curioso. Duas das três últimas caravanas que fiz visitaram justamente regiões consideradas historicamente como das mais prósperas do país: o Sul de Minas, e o interior da região Sul. Mesmo ali, nós podemos observar que hoje os efeitos da política econômica irresponsável que vem sendo aplicada por esse governo se fazem sentir. Ou seja, não só

não ajudam quem mais precisa, como ainda prejudicam aqueles que antes já conseguiam andar com as próprias pernas. Com a falta de uma política agrícola consistente e o abandono do crédito, seguro, assistência técnica e estoques reguladores públicos, cada vez mais agricultores são levados a abandonar o campo e inchar as periferias das nossas metrópoles.

Estive em setembro em cinco cidades do sertão nordestino. Vi muita

seca e muita fome. Praticamente a mesma situação que encontrei há sete anos, quando já andara por lá nas Caravanas da Cidadania.

Por que o povo nordestino continua sofrendo com as conseqüências da seca? Todo mundo sabe que a seca é um fenômeno da natureza, que há séculos vem sendo estudada, e que é completamente previsível.

As razões da fome, da pobreza e do sofrimento do povo nordestino não estão na natureza. Estão nas ações e omissões das elites conservadoras, que mandam na região e na falta de compromisso do governo federal para com a grande maioria da população sertaneja.

*FA: É possível combinar erradicação da fome com crescimento do país?*

**Lula:** Certamente. Aliás, o programa de cupons que propomos no Fome Zero tem como principal efeito econômico a expansão do mercado interno a partir do crescimento da demanda por alimentos - a agricultura familiar, principal produtora de alimentos no país, tem hoje uma reconhecida capacidade ociosa, que pode ser acionada sem pressionar a balança comercial, por exemplo. Além disso, o melhor é que sendo cupons, não dinheiro, podemos amortecer o impacto inflacionário.

*FA: Qual é a cara do Brasil sem fome? Qual o tempo necessário para se ter este país?*

"O combate à fome e à miséria têm que ser prioridade orçamentária"

**Lula:** Nós temos plena consciência de que o problema da fome é reflexo de um modelo econômico e social perverso, e que não acabará apenas com políticas compensatórias. O atual modelo concentra a riqueza na mão de poucos, tem deprimido os investimentos, gerando desemprego e pobreza.

O governo federal fica refém da balança comercial e dos cortes nos gastos públicos, prejudicando programas sociais e investimentos em infraestrutura. Por isso, olhar para a fome é principalmente buscar um outro modelo econômico, que distribua a renda ao mesmo tempo em que gera empregos e aumenta o consumo interno. Reitero que isso não é incompatível com o aumento das exportações, pois um país

saudável e economicamente viável gera excedentes. Mas queremos que uma coisa não prejudique a outra.

Pessoas com seus direitos garantidos, como a aposentadoria, a alimentação, a educação, o emprego e salário digno geram também uma dinamização econômica e social no país, pois as pessoas terão mais dinheiro para garantir suas necessidades básicas e a economia cresce. Este é o país que queremos.

O tempo necessário para essa mudança depende do próprio povo.

Como se trata de uma questão basicamente política, temos que apostar na democracia e no avanço da consciência do povo. Não apenas nas eleições, mas também na mobilização das ONG, dos sindicatos, igrejas etc.

**“O modelo concentra a riqueza nas mãos de poucos”**

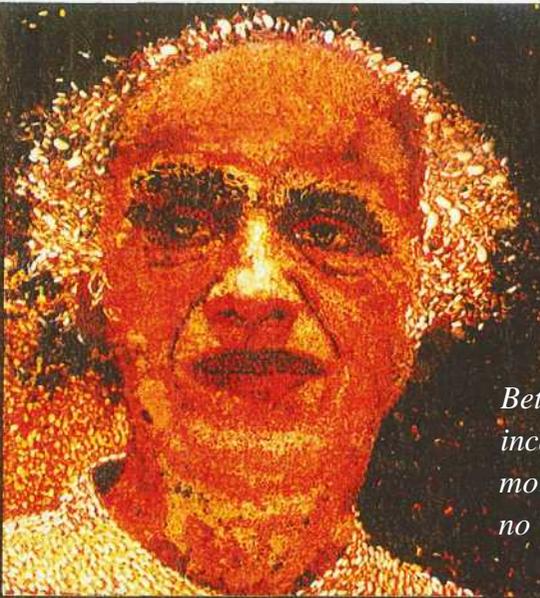
## O que o "Fome Zero" propõe

**1** Políticas estruturais que garantam a diminuição das desigualdades: geração de emprego e aumento da renda; intensificação da reforma agrária; previdência social universal; bolsa-escola; renda mínima e incentivo à agricultura familiar

**2** Políticas específicas que garantam alimentação saudável a todos: criação do cupom de alimentação, uma espécie de tíquete-alimentação para famílias pobres dos centros urbanos; ampliação e redirecionamento do Programa de Alimentação do Trabalhador (PAT); doações de cestas básicas emergenciais; combate à desnutrição infantil e materna; criação de estoques de segurança alimentar; ampliação da merenda escolar; segurança e qualidade dos alimentos; educação para o consumo e educação alimentar

Descentralização de ações: programas municipais de segurança alimentar; programas para áreas metropolitanas, entre eles restaurantes populares a preços subsidiados; banco de alimentos; parcerias com varejistas; agricultura urbana; apoio à agricultura familiar nas áreas rurais; apoio à produção para autoconsumo.





*Betinho foi um incansável mobilizador social no combate à fome*

## "A luta contra a miséria é essencialmente uma questão ética e política"

O primeiro movimento nacional de luta contra a fome foi iniciado no Brasil logo depois do impeachment do ex-presidente Fernando Collor. A maioria da população tinha fome de seriedade política e de justiça social, e uma liderança popular de grande carisma soube canalizar aquela fome para tentar matar a outra: a crônica, contínua, que retarda, aleija, cega e mala, gera violência e revolta, impede um país de crescer.

O sociólogo Betinho, ele próprio com o peso de um brasileiro desnutrido em consequência da aids que o acometera em transfusão de sangue nos anos 80, organizou a "Ação da Cidadania contra a Fome e a Miséria", convocando governo e povo a saírem da letargia que a miséria colicliana provoca - uma espécie de aceitação e indiferença para os problemas dos menos favorecidos.

Betinho foi além da questão partidária ao liderar a "Ação da Cidadania Conda a Fome"<sup>71</sup>: ele conseguiu organizar, de 1992 a 1994, as foixas necessárias para a sua proposta, convencendo o então presidente Itamar Franco a encampar a idéia e criar o Consea (Conselho Nacional de Segurança Alimentar) cujo objetivo era co-

ordenar a implantação dessa política em articulação com a sociedade civil e os órgãos de governo - ministérios, secretarias estaduais e municipais.

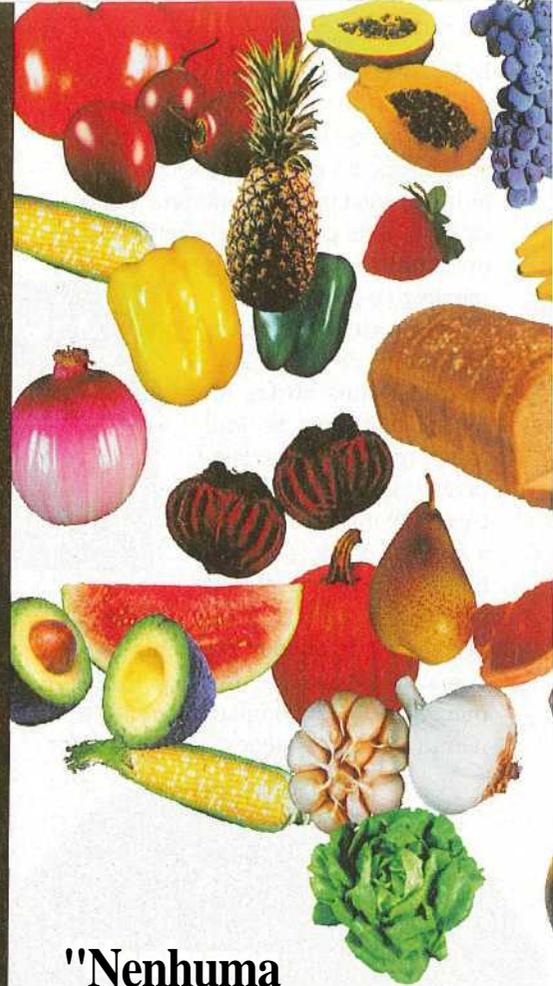
Enquanto punha o governo para trabalhar, o sociólogo estimulava a população a agir. Milhares de comitês de solidariedade foram criados para funcionar como executores finais desta grande rede nacional de socorro à população carente, como uma Cruz Vermelha em época de paz. Mas a idéia original de Betinho, que era combater a fome emergencial e criar condições estruturais para que ela não voltasse nunca mais, foi abortada por Fernando Henrique Cardoso, logo após sua posse, em 1995.

O presidente extinguiu o Consea, criando em seu lugar o programa "Comunidade Solidária". Betinho foi chamado

para trabalhar no programa

por dona Ruth Cardoso, mas já estava muito debilitado pela aids e não deu conta da burocracia de recriar o que já havia sido criado. Saiu em maio e morreu em agosto de 1996, deixando de herança as linhas básicas de um programa definitivo que hoje o PT incorpora e chama de "Fome Zero".

**"A Ação da Cidadania quer erradicar a miséria e gerar uma nova sociedade"**



## "Nenhuma bolsa-escola dá dignidade com essa economia perversa e cínica"

O Conselho Nacional de Segurança Alimentar foi presidido pelo bispo de Duque de Caxias, D. Mauro Morelli, que hoje responde por um conselho parecido, em Minas Gerais. Enquanto Betinho desafiava a própria doença, correndo o país na formação dos comitês de solidariedade, o bispo católico trabalhava diretamente com o presidente Itamar Franco na formulação de uma política estrutural que pudesse mudar a realidade do país.

D. Mauro, atualmente, preside o Fórum Brasileiro de Segurança Alimentar e Nutricional - uma organização não-governamental que busca a parceria dos movimentos sociais e governos estaduais e municipais para dar continuidade às propostas articuladas pela sociedade no início da década passada - "já que, infelizmente, o governo FHC rompeu com



a parceria e ignorou a proposta que lhe foi entregue", lamenta o bispo.

Na sua opinião, o movimento "Ação da Cidadania contra a Fome e a Miséria" foi uma experiência memorável e inédita. "Memorável pela energia de solidariedade de milhões de pessoas que, de forma autônoma, foram criativas e generosas na busca de soluções para o problema da fome e da miséria. Havia um sentimento forte de humanidade e vontade de resgatar a dignidade humana. Inédita a parceria entre governante e sociedade na elaboração e realização de políticas públicas".

O bispo de Caxias recorda a primeira Conferência Nacional de Segurança Alimentar, em julho de 94, como a expressão máxima do movimento, "pelo seu conteúdo, representação e propostas para o desenvolvimento do país visando garantir vida com dignidade e esperança para o povo brasileiro".

São os resultados dessa e de outras conferências realizadas posteriormente que o Projeto Fome Zero propõe, mas Dom Mauro adianta que a proposta do PT não atingirá seu objetivo "se a economia continuar perversa e

cínica. Não haverá bolsa-escola que possa atender aos reclamos da dignidade humana e da cidadania de nossa gente. O Projeto Fome Zero deve ser apreciado em conjunto com outros projetos discutidos pelo Instituto da Cidadania, tais como habitação, educação e segurança pública".

Para D. Mauro, o combate à fome será resultado de um modelo de desenvolvimento e perseguido por uma ação orgânica de governo que garanta a produção e o acesso aos alimentos. Mas adverte: "Isto não se faz com medidas setoriais e assistenciais, mas com a democratização da terra através de qualificada política de reforma agrária e medidas pertinentes de política agrícola, a geração de emprego e renda, além de atuação no campo da saúde e da habitação".

Difícil e caro? O bispo acha que não. "Se tivermos recursos para garantir a vida do merca-

do financeiro e para sanear as empresas que foram privatizadas, por que não haveria para cuidar de nossas crianças famintas e desnutridas e de suas famílias, ou seja, de 53 milhões de brasileiros que se encontram abaixo da linha da pobreza?"



NSS

Posto de  
Beneficiário

Foto: Augusto Regino

Trabalho  
renda  
prev

A política nacional de previdência pública foi implantada pela primeira vez no mundo no começo do século passado, por iniciativa do chanceler alemão Otto von Bismarck. Ela é a ferramenta voltada para o amparo a quem dedicou boa parte da vida ao trabalho. Foi criada para ser um dos mais eficientes instrumentos de política social. Pelo menos deveria ser, mas esse conceito vem passando por transformações no Brasil, sob a batuta de um governo submisso às diretrizes do FMI (Fundo Monetário Internacional) e que trata o direito a uma aposentadoria digna como produto de mercado.

O modelo de dependência cada vez maior da economia brasileira ao capital especulativo internacional, aplicado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso desde 1994, exclui os trabalhadores da atividade profissional e relega a população idosa a uma posição de marginalidade. Reflexo disso é a deterioração da qualidade dos serviços de assistência prestados a aposentados e pensionistas em todos os níveis. Tanto que cerca de 60% dos trabalhadores estão fora do sistema. No Brasil do governo FHC, embora o setor seja estruturalmente superavitário, a previdência pública segue casada com a lógica da iniciativa privada.

# Trabalhador de baixa renda sem futuro na previdência pública

## Redução das aposentadorias atinge população mais pobre

A destruição a conta-gotas da rede de previdência pública na América Latina foi alvo de um seminário internacional na Câmara dos Deputados, em Brasília, em outubro deste ano. Durante o evento, o economista Dércio Garcia Munhoz, professor da UnB, fez críticas à política do governo brasileiro. Na avaliação de Munhoz, "não há reforma da previdência no Brasil, mas contra-reforma. O desmonte do setor começou por aí, sem que fosse necessário utilizar a via da privatização". Munhoz acha que o modelo de tempo de contribuição, que substituiu a aposentadoria por tempo de serviço, é um dos sinais mais explosivos para destruir, a longo prazo, o sistema de previdência. Ele contesta a figura do fator previdenciário, qualificando-a como fórmula draconiana para reduzir aposentadorias do segmento mais pobre da população.

Em vigor desde dezembro de 1999, o fator previdenciário consiste no cruzamento do tempo de contribuição (35 anos para os homens e 30 para as mulheres) com a idade do segurado (60 e 55 anos), com incidência ainda de uma taxa percentual variável. Funciona assim: o trabalhador que se aposentar com 34 anos

de contribuição e 51 de idade perde 30% do valor do benefício. Há casos, inclusive, em que as perdas poderão ultrapassar 40% do que o trabalhador receberia pela metodologia antiga.

A quem interessa a reforma da previdência que vem sendo feita pelo governo federal? O economista Luiz Alberto dos Santos, especialista em políticas públicas e gestão governamental, responde: "A perspectiva para a previdência pública no Brasil é estabelecer o vínculo do governo FHC com o sistema financeiro internacional. Não dá para distanciar a previdência da política econômica aplicada no país. O nível de cobertura da previdência pública e a taxa de reposição de renda vão depender do papel que o governo reconheça para o setor".

Luiz Alberto admite que o neoliberalismo e o ajuste fiscal são fábricas de déficit na previdência social e, por essa razão, comprometem o Estado do Bem-Estar Social e o direito do trabalhador a uma aposentadoria decente. Ele diz que desde 1985, mediante o crescimento dos fundos abertos de aposentadoria complementar, controlados por bancos e seguradoras, o Estado vem deixando de atender os benefícios. "Na medida em que a legislação do regime geral de previdên-

cia social vá sendo alterada, como ocorreu com o dispositivo do fator previdenciário, e que o sistema de previdência do servidor público seja substituído, como prevê o projeto de lei nº 9 (que trata da instituição do regime de previdência complementar pela União, estados, Distrito Federal e municípios), o futuro da previdência pública no Brasil é sombrio. Os benefícios já estão sendo reduzidos drasticamente em favor da iniciativa privada".

## Enfoque financeiro agride direitos dos trabalhadores

A julgar pelas medidas para diminuir os custos da previdência oficial, transferindo boa parte dos recursos para as entidades abertas de previdência complementar, o governo federal está disposto à ilegalidade para implementar sua lógica de agressão aos direitos dos trabalhadores, estabelecidos pela Constituição de 1988. O lado humano é simplesmente desprezado, com a predominância do enfoque financeiro. Para resistir à implantação desse modelo, a alternativa é um regime de repartição que preserve os princípios da solidariedade e do mutualismo. A tese é defendida por Luiz Alberto, para quem esse é um dos caminhos para se combater a precarização do mercado de trabalho, a informalidade da economia e os esquemas milionários de sonegação, fraudes, propinas e favores políticos.

**60% dos trabalhadores estão fora do sistema de previdência**



# O massacre dos aposentados

Mudanças em planos de saúde e fundos de pensão excluem os assistidos dos benefícios sociais que ainda restam nas estatais

Não é só a Caixa que despreza empregados e aposentados e tenta, por todos os meios, acabar com os benefícios sociais conquistados ao longo de anos e anos de luta dos trabalhadores, com mudanças na Funcef e no Pams, o fundo de pensão e o programa de assistência médica e saúde - uma conquista dos empregados da Caixa. O rolo compressor está em marcha desde o início das privatizações, e vem massacrando trabalhadores de todas as empresas estatais vendidas ou em vias de serem privatizadas.

E as principais vítimas são os aposentados. Com os salários das empresas públicas e da maioria das estatais' congelados há sete anos, eles perdem as políticas de abonos feitas aos funcionários da ativa, vendo a inflação comer ano a ano os seus vencimentos.

E como são mais velhos, precisam de mais assistência médica do que os jovens. Muitos, inclusive, se aposentam com doenças crônicas adquiridas nos muitos anos dedicados às empresas. Mas se depender delas, morrem à míngua nos hospitais públicos, pois não podem nem mesmo fazer planos de saúde particulares. Os custos para pessoas idosas são incompatíveis com suas rendas.

Na Caixa, o Pams não foi extinto para os aposentados, mas todos terão que contribuir com mensalidades iguais de R\$ 38,26 e mais 20% dos custos médicos e hospitalares. Esta "socialização" é ingrata para os aposentados, que estão sem correção nos proventos, e para o pessoal de nível salarial mais baixo. Os maiores salários contribuirão com percentual menor. Mas a Caixa insiste em impor as mudanças sem consultai" os interessados.

A Justiça, julgando medidas cautelares de sindicatos dos bancários em várias regiões, entendeu que o plano de saúde da Caixa é uma garantia trabalhista. A Caixa tenta impor o novo Pams de qualquer forma, aproveitando-se da subserviência da Contec para legitimar mais esse golpe contra os empregados.

## Banco Mercantil do Brasil segue modelo da Caixa

E não é só a Caixa que está mudando planos de saúde sem consultar os empregados. O BMB extinguiu no final de novembro o reembolso de consultas e serviços para pessoal de nível salarial mais baixo. Esse reembolso, segundo o diretor do Sindicato dos Bancários de Belo Horizonte, Marco Aurélio Alves, era coberto



pela seguradora até um limite de 70%, mas ela alegou prejuízo com as faixas salariais do nível 20 - que estão isentas de qualquer mensalidade.

Assim, para atender a uma imposição da Mediservice (a seguradora que presta assistência médica aos empregados do BMB) o banco deu três dias para o pessoal do nível 20 migrar para o nível 30, o que representa o pagamento de uma parcela mensal de R\$ 23,00. Em troca, ficam mantidos os reembolsos. O Seeb-MG pediu explicações ao banco e não obteve resposta, mas está mobilizando os empregados prejudicados para decidir o que fazer. "A decisão tem que ser discutida com todos, não pode ser imposta assim de cima para baixo, sem consultar ninguém", diz Marco Aurélio.

## Telefônicas excluem aposentados e pensionistas

As empresas telefônicas criaram uma forma sutil e cruel de excluir os aposentados da assistência médica, denuncia Brígido Ramos, do Sinttel-DF (Sindicato dos Telefônicos). O Sistel (fundo de pensão das empresas de telecomunicações) tem um plano de assistência médica aos aposentados (Pama), que dá a eles os mesmos direitos dos empregados da ativa: financiamento de 70% a 90% das despesas médicas e hospitalares por parte das operadoras e cobrança da parte relativa aos empregados em parcelas máximas de 20% dos vencimentos, sem juros, sem correção monetária.

Com a privatização, as operadoras que arremataram as diversas companhias telefônicas que faziam parte da holding passaram a financiar no máximo duas vezes o vencimento do aposentado. O desconto é feito na complementação da aposentadoria, no limite de 15 vezes 20% desta complementação. A diferença é cobrada à vista, em boleto bancário, do aposentado ou da viúva, se o titular vier a falecer. E ainda tem juros e correção monetária. Com o agravante de que, enquanto a dívida estiver sendo paga, a assistência médica fica suspensa, tanto para o aposentado quanto para seus dependentes.

"A relação é de absoluta crueldade - diz Brígido - e prejudica principalmente as pessoas que têm tratamento permanente, como os paraplégicos, os cardíacos, os que têm câncer. É tão dramático que o nosso sindicato virou uma espécie de LBA, com todo mundo chorando e pedindo socorro", desabafa. Várias ações estão sendo movidas pelo sindicato para tentar valer, na Justiça, os direitos dos aposentados.

O pior de tudo é que apesar dessa relação draconiana com os aposentados, o Pama está sofrendo perda de receita. O mesmo vem acontecendo no fundo de pensão. Segundo Brígido Ramos, só na Brasil Telecom houve um prejuízo de 15% no patrimônio acumulado em 22 anos de aplicações. "Queremos saber o que eles fizeram com o nosso dinheiro e vamos cobrar isso de todas as formas", adverte.

## Não há luz para os aposentados da CEB

A CEB (Companhia Energética de Brasília), que se prepara para ser privatizada em breve, já iniciou a poda dos benefícios sociais. Começou cortando os planos de saúde de todos os aposentados, que eram cobertos pelo Faceb (Fundo de Assistência dos Empregados da CEB).

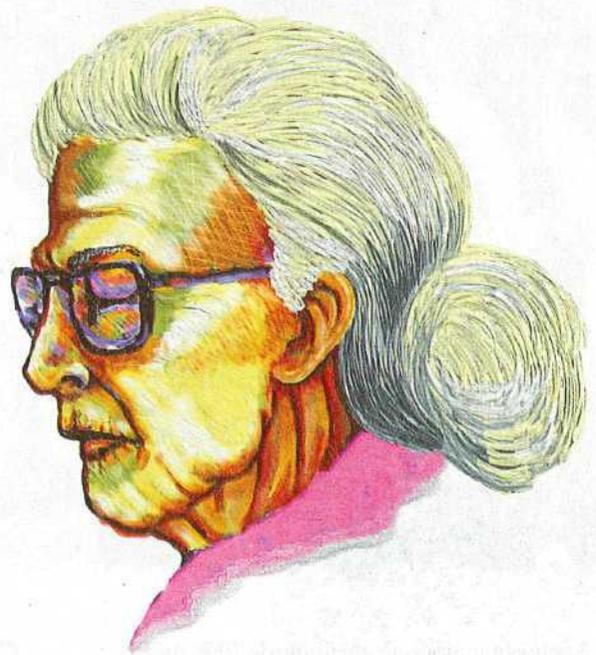
"O pior é que não nos avisaram de nada, nos excluíram assim de forma drástica, deixando sem assistência médica gente em tratamento contínuo. Tivemos que passar lista de contribuição para ajudar pessoas que estavam internadas em UTI e tiveram que pagar o tratamento de um momento para outro", relata Nair Mendes Ramos, uma das aposentadas excluídas.

Os aposentados entraram com uma ação na Justiça e perderam. Em vista disso, criaram o Modap (Movimento em Defesa dos Aposentados e Pensionistas da Faceb) e estão tentando reverter a situação. Fizeram uma denúncia à Câmara Legislativa do DF, que convocou os presidentes da CEB e da Faceb a dar explicações. Também estão lutando junto aos aposentados de outras estatais do DF, para agirem em conjunto contra a perda de benefícios e assistência médica.

**Aposentados  
correm risco  
de vida com  
interrupção de  
tratamentos**

# O amor que transforma loucos em artistas

**Nise da Silveira** foi a primeira profissional a pregar contra os manicômios no Brasil e a tratar esquizofrênicos com terapia ocupacional



**T**oda a luta contra os manicômios no Brasil, que terminou este ano com a aprovação da lei 10.216 do deputado Paulo Delgado (PT/MG), teve início em 1946, com uma psiquiatra baixinha e mirrada chamada Nise da Silveira. Nascida em Maceió em 1905, Nise foi a única mulher a cursar medicina na Faculdade da Bahia, nos remotos anos 20. Formou-se em 1926 e foi logo mostrando que não viera ao mundo para estar de acordo com as regras estabelecidas.

Trocava correspondência com o psiquiatra Carl Jung, que apenas iniciava seus estudos sobre as imagens do inconsciente, os sonhos, a memória coletiva, os símbolos mitológicos.

Nise da Silveira achava que os manicômios eram feios, lúgubres e desagregadores, e tinha certeza que aquele ambiente contribuía muito mais para aumentar a loucura do que para curá-la. Era

terminantemente contra os choques elétricos e a lobotomia - uma operação na cabeça para eliminar a agressividade dos doentes mentais.

Mudou-se logo para o Rio de Janeiro, onde engajou-se no Partido Comunista e na luta contra a ditadura Vargas, o que lhe valeu alguns meses de prisão em 1936. Na cadeia, despertou a admiração de um outro preso ilustre, o escritor Graciliano Ramos, que cita o encontro no livro "Memórias do Cárcere".

As imagens  
falam das  
profundezas  
da psique

Ao sair da cadeia, a psiquiatra foi trabalhar no Hospital Pedro II, no Rio de Janeiro, e ali encontrou os pacientes que procurava para desenvolver a sua tese: a de que a psique, mesmo do esquizofrênico, tem um potencial autocurativo que só se manifesta através do afeto. Encontrou Adelina, uma paciente que desenhava a mãe como um monstro, porque ela a havia impedido de viver um grande amor; encontrou Antônio Bispo, que rasgava as roupas para tirar linhas e bordar mantos com os quais pretendia se vestir no dia de sua morte, para encontrar a Virgem Maria.

Entre os mais de 200 pacientes com os quais trabalhou, a maioria estava ali há anos, sem família que os visitasse. A dra. Nise criou então dois ateliês de arte, um para mulheres e outro para homens, mas um homem preferiu o das mulheres, onde fez um gato de veludo e disse as palavras que ela usou a partir de então para substituir a expressão terapia ocupacional: "prazer de lidar". Com lápis de cor, tinta, papel, lixo, tela, guache, aquarela, agulha, linha e tudo que aparecesse no hospital, Nise da Silveira acalmou seus pacientes, dando a eles o "prazer de lidar" com as emoções, expressá-las através da criação.

Foram milhares de obras produzidas em 28 anos de trabalho no Pedro II e na Casa das Palmeiras, uma instituição aberta que ela fundou em 1956 para abrigar egressos dos hospitais psiquiátricos, numa tentativa de

reintegrá-los à sociedade. Este acervo compõe o "Museu do Inconsciente", criado por ela em 1952 e que funciona também como um centro de estudos. São mais de 350 mil obras, algumas de grande valor artístico. A psiquiatra nunca deixou que nenhuma delas fosse vendida, nem mesmo em momentos de crise financeira das instituições. "Essa história de vender os quadros é o mesmo que ter uma série de imagens e tirar uma. Imagino que Champollion se suicidaria se, tentando decifrar a linguagem egípcia, lhe tirassem um hieróglifo", respondeu à época.

Nise da Silveira ficou no Centro Psiquiátrico Pedro II até se aposentar por idade em 1974. Pediu para continuar trabalhando lá "como estagiária", tamanho era seu amor pelos pacientes. Escreveu vários livros sobre terapêutica ocupacional e um sobre a vida e obra de Jung. Aos 92 anos de idade ainda reunia em seu apartamento, no Flamengo, um grupo de 40 profissionais para estudos psiquiátricos.

Morreu em outubro de 99, aos 94 anos, afirmando que seu trabalho não havia sido reconhecido no Brasil. Mas a lei antimanicomial aprovada este ano mostra que sua luta não foi em vão. Cada estado e cada município vão ter que acabar com seus manicômios e implantar sistemas livres de atendimentos aos doentes mentais. Sete estados já tomaram a iniciativa, entre eles o Rio de Janeiro, onde Nise da Silveira se antecipou à lei. No ano passado, também, as obras do "Museu do Inconsciente" fizeram parte da Bienal dos 500 anos do Descobrimento, num tributo à genialidade da psiquiatra e seus "loucos".



# Bancarização

■ Fernando Nogueira da Costa

Em 2000, a PEA (apenas a parcela da população em idade ativa - entre 10 e 65 anos - que realiza alguma atividade considerada produtiva) urbana era composta de 63,418 milhões de pessoas. Essa seria a clientela bancária em potencial. No mesmo ano, existiam 50,897 milhões de contas correntes de pessoas físicas, na rede bancária brasileira. Como 95% delas concentravam suas operações num único banco, podemos estimar que cerca de pouco mais de 48 milhões de brasileiros já têm acesso bancário. Restariam cerca de 15 milhões de clientes potenciais a serem conquistados.

As classes de clientela bancária são divididas por faixas de renda. A classe A1, acima de R\$ 5.000, abrange somente 1% da população brasileira, cerca de 1,7 milhão de pessoas. A classe A, acima de R\$ 2.984, isto é, A2 somada à A1, incorpora 5% das famílias. Entre R\$ 1.065 e R\$ 2.984, na classe B, estão 19% das famílias. A classe C1, entre R\$ 750 e R\$ 1.065, 8%; a C2, de R\$ 497 a R\$ 750, 23%. Os 45% das famílias restantes são das classes D e E. A clientela potencial dos bancos recebe

acima de R\$ 267, isto é, no mínimo está na classe D. Os clientes classe A são quatro vezes mais rentáveis do que o C1; o B rende 80% mais do que o C1; o C2 é 30% menos rentável do que o C1; e o D rende 1/3 do que rende o C1.

O segmento de clientes classe A1 já está cativado pelos bancos estrangeiros e até mesmo pelos tradicionais bancos brasileiros de varejo, como o Bradesco, Itaú e até o Banco do Brasil. A importância da clientela classe A é revelada no caso do Citibank. Apesar de ter somente 38 agências e 150 mil correntistas, ele é o 6º maior administrador de fundos, com mais de R\$ 19 bilhões de terceiros sob sua gestão, disputando o quarto posto, acirradamente, com a Caixa e o HSBC.

Dos 12,6 milhões de clientes do Banco do Brasil, um milhão estão no topo da pirâmide de renda, três milhões tem nível intermediário e oito milhões renda abaixo de R\$ 1 mil. Desses últimos, quatro milhões têm renda inferior a R\$ 300. O BB tenta aumentar a rentabilidade desse grupo de correntistas, incentivando o uso de tecnologia de informação e tornando

os serviços mais baratos.

Essa tem sido uma tendência recente no varejo brasileiro: disputar a "franja" do mercado com a tecnologia eletrônica. Os oito maiores bancos concentram 47,5 milhões de contas correntes, praticamente 93% do total! A Caixa possui apenas 2,7 milhões delas. Com novos correspondentes bancários, pretende chegar a todos os 5.561 municípios brasileiros. Seus terminais "Caixa Aqui" já estão presentes em 8.500 casas lotéricas.

Em resumo, os bancos estrangeiros, beneficiários da abertura do varejo, são os que mais compram títulos cambiais, que explodem a dívida mobiliária pública, para atender a sua clientela classe A. A classe média fica sem crédito imobiliário, mas troca suas cadernetas de poupança por fundos. O "povão" passa a receber "esmola" (bolsa-escola de R\$ 15) via cartão eletrônico... Essa é a modernização recente do sistema bancário brasileiro!

Fernando Nogueira da Costa,  
Economista



# O subterrâneo de um mau negócio ao país

Governo corta investimentos, de modo a justificar privatização do saneamento

No acordo assinado com o FMI, em 1999, o governo brasileiro comprometeu-se a acelerar as privatizações nos setores energético e financeiro e a preparar o arcabouço legal para a desestatização dos serviços de água e esgoto. Desde então, os financiamentos da Caixa Econômica Federal e do BNDES só são disponibilizados para obras de saneamento nos estados e municípios com a condição de que estes implementem programas de concessão de serviços à iniciativa privada.

Há, no entanto, um vazio constitucional que impede que o ritmo das privatizações no setor seja acelerado como pretendido pela equipe econômica do governo. Para fazer avançar o processo, seria necessário transferir a titularidade da concessão dos serviços dos municípios para os estados, tirando assim o poder de decisão das mãos das prefeituras.

**Equipe de FHC quer acelerar a privatização no setor**

Nos estados, as ingerências do Palácio do Planalto poderiam se dar de forma mais concentrada e eficaz.

Os levantamentos da Secretaria de Desenvolvimento Urbano do governo demonstram que, dos mais de cinco mil municípios brasileiros, 1.671 contam com serviços próprios de abastecimento de água e esgoto. Em 3.821 municípios o abastecimento de água é feito por companhias estaduais, mas a distribuição geralmente se dá através de companhias municipais. Isso acontece principalmente nas regiões metropolitanas. Em 1.151 municípios o esgotamento sanitário é feito por companhias estaduais.

Com a transferência da titularidade, tanto os municípios que têm serviços próprios de água e esgoto como os que fazem apenas a distribuição de água perderiam o controle sobre suas empresas.

Resistência popular obtém vitória no Congresso

Para forçar a transferência de titularidade das concessões e disciplinar o processo de privatizações do saneamento, o governo enviou ao Congresso Nacional o projeto de lei 4.147, que entrou na pauta de votação em regime de urgência no dia 21 de fevereiro deste ano. Por conta da reação dos gestores (prefeituras), das ONG (organizações não-governamentais) e dos movimentos sindical e popular envolvidos nas discussões dos problemas do saneamento básico no país, foi obrigado a retirar o regime de urgência para votação do projeto por três vezes consecutivas, sendo a última delas já no dia 24 de outubro.

Como 2002 é um ano eleitoral, já há gente do próprio governo admitindo que o assunto pode ficar para 2003. A alternativa para evitar esse adiamento, conforme adiantou à imprensa Marcos Abicalil, da Secretaria de Desenvolvimento Urbano, seria "trabalhar um novo acordo" que não tratasse da titularidade. Segundo ele, a idéia é deixar a questão da titularidade nas zonas metropolitanas a cargo das Assembléias Legislativas de cada estado.

O que ocorreu com o projeto de lei 4.147 foi um fato inédito no Congresso Nacional. Pela primeira vez um projeto com pedido de urgência do Executivo deixou de ser votado. Um abaixo-assinado com 720 mil assinaturas colhidas por todo o país foi o grande trunfo da Frente Nacional para Saneamento Ambiental na sua batalha dentro do legislativo. O documento cobrou dos parlamentares o fim da tramitação do 4.147 em regime de urgência e também a sua rejeição. Embora parcial, "foi uma vitória importante", como diz Abelardo de Oliveira Filho, diretor de Saneamento da FNU-CUT (Federação Nacional dos Urbanitários).

A Frente aposta agora na ampliação do debate com a sociedade, dentro do contexto da eleição presidencial de 2002, para que a questão do saneamento seja tratada fora da perspectiva da privatização. "Estamos discutindo diretrizes gerais de uma política de saneamento e a regulamentação por setores - água, esgoto, resíduos sólidos (lixo), drenagem urbana e controle de vetores", explica Abelardo de Oliveira.



Foto: Augusto Regis

Falta de rede de esgoto degrada condições de vida da população

## Quem lucra com a venda das tubulações de água e esgoto

A mobilização contra a privatização do saneamento passa pela manutenção da titularidade da concessão dos serviços com os municípios, mas isso, por si só, não é garantia de que empresas públicas não possam ser vendidas. Os próprios executivos locais podem ceder às pressões do Palácio do Planalto e transferi-las à iniciativa privada. Existem atualmente no país 38 municípios onde os serviços de água e esgoto são prestados por concessionárias privadas.

A cidade de Limeira-SP realizou em 1995 a primeira concessão privada de saneamento no Brasil. Avaliação feita pelo Idec (Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor) diz que a privatização em Limeira "notabilizou-se pelo aumento de tarifas e baixa qualidade dos serviços prestados", além de se tornar alvo de denúncias de corrupção, que levaram o Ministério Público a encaminhar à Justiça, em 1998, um pedido de anulação do contrato. Em janeiro deste ano, o pedido foi acatado em julgamento de primeira instância.

Também em São Paulo, outros municípios já repassaram parcialmente os serviços à iniciativa privada, entre os quais Jundiaí, Itú e Ribeirão Preto. Segundo Abelardo de Oliveira, da FNU-

CUT, "em Ribeirão Preto, até hoje a concessionária não tratou um único metro de esgoto". A empresa não se credenciou junto ao BNDES para obter financiamentos e o contrato está sendo anulado.

No Rio de Janeiro, existem cinco concessionárias privadas que controlam os serviços de saneamento em mais de uma dezena de municípios. Em capitais, foram privatizadas as companhias de saneamento de Manaus e de Campo Grande.

### Prestação dos serviços de água e esgoto

3.821 municípios com abastecimento de água de companhias estaduais

1.151 municípios com esgotamento sanitário de companhias estaduais

1.671 municípios com serviços próprios de água e esgoto

284 municípios com serviços da Fundação Nacional de Saúde

38 municípios com serviços de concessionárias privadas, sendo 18 plenos e 20 parciais

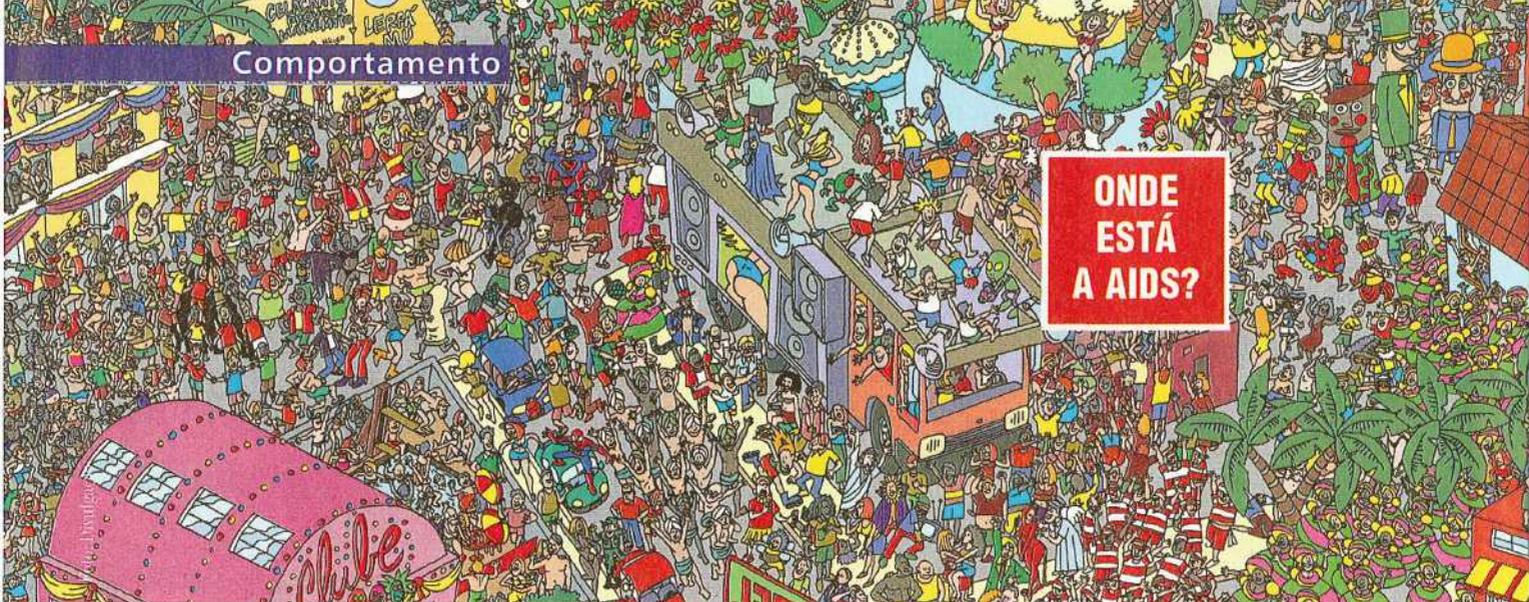
Fonte: SEDU (Secretaria de Desenvolvimento Urbano da Presidência da República)

## Baianos impedem a privatização da Embasa

Na condição de titulares dos serviços de água e esgoto, um grande número de prefeitos baianos fez aprovar nas Câmaras Municipais uma autorização para a venda da Embasa, empresa estadual de saneamento, conforme pretendiam o governador César Borges e seu padrinho político, o ex-senador Antônio Carlos Magalhães. Mas a reação popular, conduzida pelo "Movimento em Defesa das Águas da Bahia", com a participação de entidades de segmentos sociais organizados, está conseguindo reverter a decisão dos municípios através de um projeto de iniciativa popular que impede a privatização dos serviços.

O próprio ACM jogou a toalha e passou a manifestar posição contrária à privatização da Embasa. Só que há um problema criado por ele que ainda precisa ser resolvido e que envolve a Caixa Econômica Federal.

Segundo a FNU-CUT, quando ainda esbanjava o seu poder político em Brasília, ACM dirigiu-se à direção da Caixa e pediu um "adiantamento" de 30% do valor da Embasa, com o compromisso de que a empresa seria privatizada e, depois disso, aquele "empréstimo" seria saldado. A Caixa avaliou a Embasa em R\$ 1,5 bilhão e liberou cerca de R\$ 450 milhões. Resumo da ópera: o governo da Bahia levou o dinheiro, não vendeu a empresa de saneamento e a Caixa ficou com o mico.



# Aids avança entre homens e mulheres

O avanço da aids entre homens heterossexuais e mulheres tem deixado as organizações que trabalham no controle da epidemia com a cabeça quente. Como fazer campanhas de prevenção e convencer casais estáveis a usarem o preservativo?

A aids passou a ser uma doença de todos a partir da segunda metade da década de 90, mas a noção de risco da população continua a ser a do início da epidemia: aids é coisa de gays, de usuários de drogas e de prostitutas.

Não é verdade. Dos 215.810 casos de aids notificados até junho de 2001, 159.226 atingem os homens. 70,8% das transmissões do vírus entre eles se deu por via sexual, e 40% em relações heterossexuais, ou seja, com mulher. Apenas 16,4% adquiriram o HIV em relações homossexuais e 14,1% em relações com os dois sexos.

Quando se examina o número de aids em mulheres - 53.040 casos notificados - a prevalência da transmissão heterossexual fica ainda mais evidente: 56,6% delas adquiriram a doença em relações sexuais, 16% por uso de droga injetável, e 27,3% nem sabem como pegaram aids.

O crescimento é assustador. No iní-

cio da epidemia ocorriam 25 casos de aids em homens para um em mulher. Atualmente, a razão está em 1,8 por um. Em mais de 200 pequenos municípios brasileiros, as novas notificações já estão iguais ou invertidas. Há casos de até sete mulheres para cada homem que contrai a doença.

A maioria dessas mulheres informa que são casadas ou têm relações estáveis. É nesta hora que a CN-DST/Aids (Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids) se complica para trabalhar a prevenção. "Não podemos acusar só o homem de estar levando aids para casa, embora o comportamento social do brasileiro seja mais tolerante com a infidelidade masculina do que com a feminina. Mas a igualdade sexual é cada vez maior e a mulher também trai. Ou tem mais de uma parceria", diz Eliane Izolan, coordenadora das campanhas na CN-DST/Aids.

O contraditório é que o governo chegou a fazer campanhas no passado sugerindo a redução de parceiros e as relações estáveis como forma de os casais evitarem a infecção pelo HIV. E agora? Como é que fica a cabeça dessas pessoas, quando uma campanha de massa informar que o casamento ou a relação estável não as protegem?

## Difícil é passar recibo de infidelidade

No dia-a-dia dos casais, se um dos dois vier a propor o uso da camisinha - e esta é, até agora, a única forma possível de evitar a transmissão do HIV - estará pondo sob suspeita a sua fidelidade. O controle da aids sai do terreno técnico-científico e resvala para o terreno afetivo, com todas as complexidades que as relações amorosas trazem em si, desde Adão e Eva.

Eliane Izolan lembra que a primeira tentativa de falar a este público generalizado foi no ano passado, na campanha do Dia Internacional de Luta contra a Aids, em primeiro de dezembro. Um garoto dava ao pai uma camisinha e dizia a ele que se cuidasse, caso fosse transar fora de casa. Não deu certo. Feministas não gostaram, por se sentirem vítimas; a população masculina não se tocou, porque não se viu enquadrada naquele perfil de homem, que assumia relações extraconjugais até com o filho; e a Igreja Católica mais uma vez reagiu, acusando o governo de estar fazendo apologia da promiscuidade sexual.

O problema é que, quer a Igreja queira, quer não, o sexo é praticado por todo mundo, e até na Bíblia a busca do prazer está acima da necessidade de perpetuação da espécie humana. Daí o preconceito e o estigma que a aids carrega até hoje, 20 anos após ter sido diagnosticada em um grupo de homossexuais dos Estados Unidos.

"Por isso todo cuidado é pouco na hora de bolar as campanhas", afirma Eliane. "Sempre um grupo vai se sentir discriminado ou preterido". A campanha

deste primeiro de dezembro usou a diversidade sexual e social masculina para falar que todos eles são vulneráveis a pegar e a transmitir o HIV. Será que os heterossexuais se tocaram?

## Banana com casca e bala com papel

"De qualquer forma - diz Paulo Teixeira, coordenador do Programa Nacional de DST/Aids - as autoridades de saúde não podem deixar de bater nessa mesma tecla: a camisinha é a única vacina existente até agora contra a doença. Ela barra a transmissão do HIV e permite relações seguras até com pessoas já infectadas pelo vírus. Mas o brasileiro ainda resiste a incorporá-la de forma contínua".

Uma pesquisa sobre comportamento sexual da população brasileira, feita pela socióloga Elza Berquó em 1999, concluiu que 44% dos jovens entre 16 e 25 anos adotam a camisinha em todas as relações sexuais, mas esse percentual cai para 24% à medida que a idade avança. Homens com mais de 40 anos são os que mais resistem ao uso do preservativo, por não terem iniciado a vida sexual em tempos de aids e também pelas dificuldades de ereção comuns a partir desta idade.

Mas em todas as faixas etárias a camisinha é abandonada quando a relação vai ficando estável. Somente os homossexuais apresentam elevado índice de uso do preservativo: 90% em média.

Até prostitutas, que recebem preservativos femininos e masculinos dos programas de prevenção e relatam usá-los em 75% das relações sexuais profissionais, relaxam pela metade a prevenção quando a relação é com o parceiro fixo.

Elas afirmam que muitos clientes chegam a oferecer o dobro ou o triplo do valor do programa, para convencê-las a fazer sexo sem camisinha. A desculpa vem recheada de idéias preconcebidas que só aumentam a vulnerabilidade dos heterossexuais masculinos: transar com camisinha é igual a chupar bala com papel, comer banana com casca, limita o prazer, broxa, e por aí vai.

**A camisinha é a única vacina contra aids e deve ser usada em todas as relações**

"É nessa descontinuidade do uso do preservativo que o HIV continua avançando", diz Paulo Teixeira. Estima-se que o número de pessoas que tenham o vírus e que ainda não sabem disso seja em torno de 600 mil no Brasil. No mundo, já são mais de 30 milhões. Além das relações sexuais, o compartilhamento de seringas entre usuários de drogas injetáveis é outro meio de transmissão do vírus, e responde por 18,3% dos casos notificados.

A mistura de sexo e drogas cria uma cadeia de transmissão perigosíssima, informa Teixeira. De um lado, quem se droga não só corre o risco de se infectar imediatamente se não usar agulhas e seringas descartáveis, como se descuida do preservativo nas relações sexuais. Sem camisinha, o vírus da aids pode ser combinado com uma gravidez, e aí o risco de a criança nascer infectada é de 25%. O tratamento na gestação e na hora do parto com o coquetel antiaids pode reduzir esse risco para 8%, mas mesmo assim não se pode arriscar com vidas inocentes. De 1983 até junho deste ano, nasceram no Brasil 7.335 crianças com aids. Metade delas já morreram. Entre os adultos que adquiriram a doença, mais de 50% também já morreram, apesar dos avanços dos medicamentos. Portanto, enquanto as vacinas não chegam, a camisinha é o único remédio.



## Números que assustam

- *A aids está crescendo nove vezes mais em mulheres do que em homens*
- *Cerca de 10 mil grávidas/ano têm o HIV*
- *O risco de transmissão do vírus para o bebê é de 25%, se não houver tratamento*
- *A doença se expande para o interior e já foi notificada em 3.442 municípios*
- *Cerca de 600 mil brasileiros têm o HIV e não sabem*
- *20 mil novos casos de aids são registrados todo ano no Brasil*
- *56% das transmissões são por relações homem/mulher*

# Chapada dos Guimarães

## Onde a terra mostra todas as fases de transformação

**B**om condicionamento físico e muita disposição são requisitos imprescindíveis em uma viagem à Chapada dos Guimarães, encravada no coração do Mato Grosso. A recompensa são as paisagens deslumbrantes dessa região onde o vento, as chuvas e o tempo deram formas esculturais a penhascos e pedras, e onde as cachoeiras caem do céu projetando arco-íris sobre a rica vegetação das matas de galeria, com espécies nativas da transição entre o cerrado e a floresta tropical.

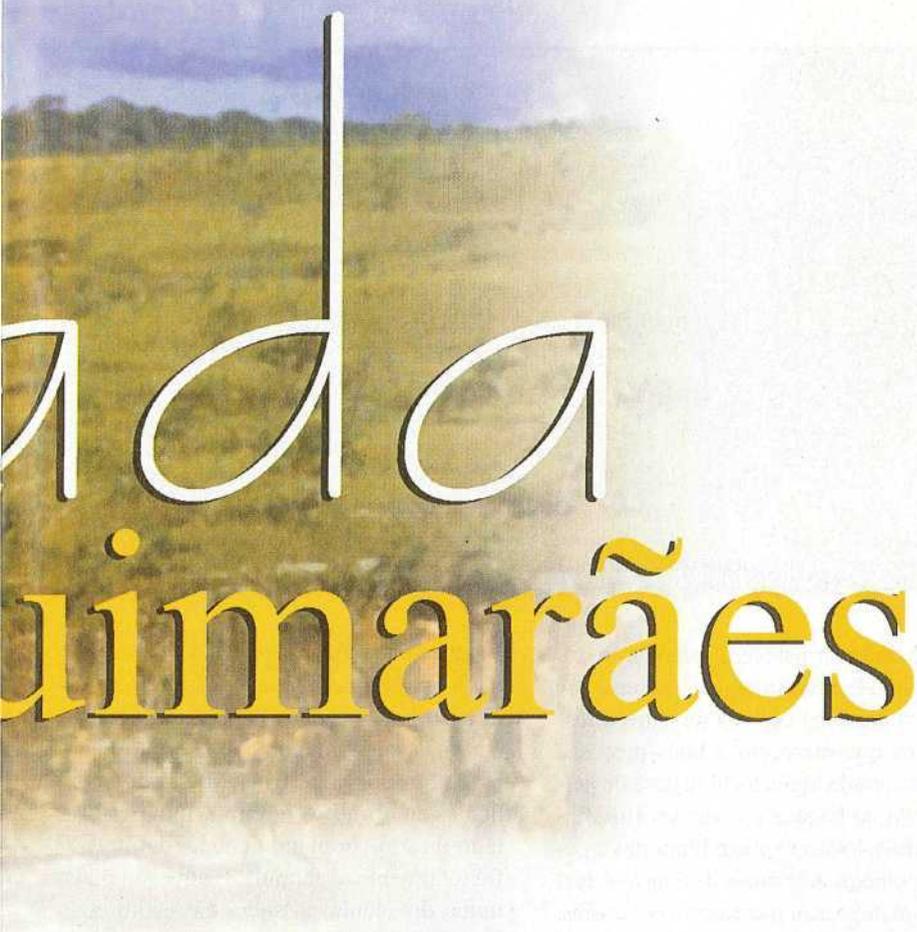
O cenário da Chapada dos Guimarães, com sua paisagem agreste de árvores retorcidas, é um convite permanente à contemplação. As chapadas, resultado do desgaste natural das serras, são

um deleite para os "trekkers" e amantes da natureza. Em noites de lua cheia dá para subir ao mirante geodésico e contemplar o céu cheio de estrelas, de onde, segundo a lenda, costumam descer discos voadores.

Pode ser que a visão dos Ovni não seja para qualquer um, mas a de casais de araras voando abaixo do despenhadeiro da "Cidade das Pedras" e de bandos de pássaros pretos buscando seus ninhos ao cair da tarde é possível para todos. Neste lugar onde as escarpas terminam em formações rochosas como cate-drais, torres e ruínas de castelos, o sol se põe como uma bola de fogo.

À medida que a noite vai caindo, as formas vão tomando contornos fantasmagóricos, e é como se o visitante voltasse a um tem-

**As chapadas encantam os "trekkers" e os amantes da natureza**



# Chapada Guimarães

po em que só o silêncio predominava.

Mas não é só para contemplar e meditar que o turista vai à Chapada. Dentro da área do Parque Nacional há dezenas de cachoeiras para todos os gostos, com poços rasos ou profundos, quedas altas ou baixas, à sombra de frondosas árvores ou despencando em sol a pino. Todas, no entanto, têm águas puras e cristalinas, um bálsamo para os pés cansados das caminhadas e o calor de quase sempre 40°.

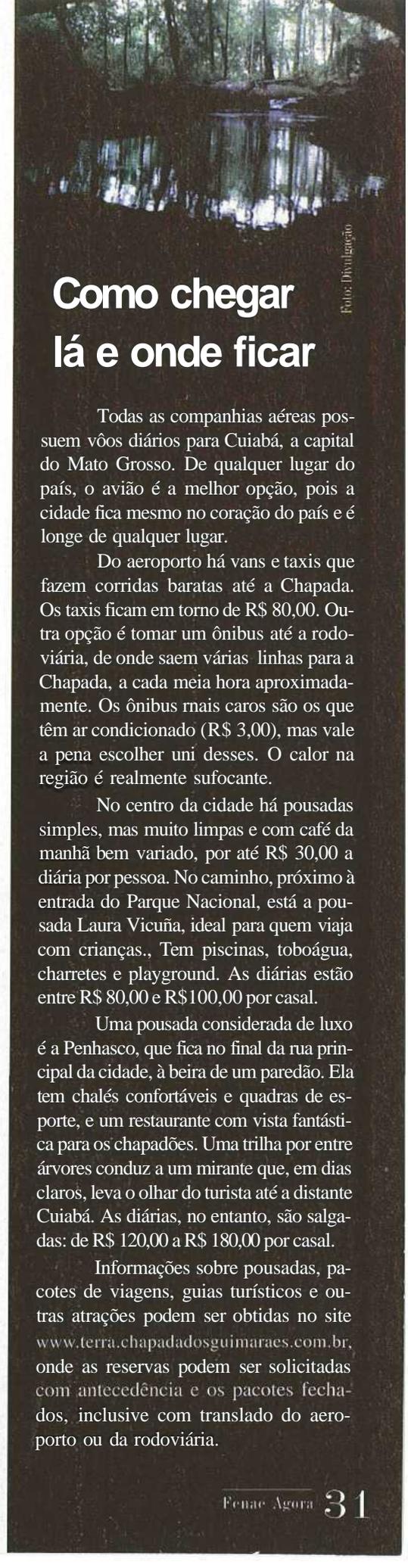
## Véu da Noiva: o impacto inicial

A maior e mais famosa das cachoeiras da Chapada dos Guimarães é a chamada "Véu da Noiva", que fica logo na entrada do Parque Nacional. Não dá para se banhar nela, porque ela é vista de cima, no esplendor da sua queda de 86 metros. Tomando as trilhas bem sinalizadas do parque, dá para se chegar às outras e nelas se banhar. Um passeio mais leve é pelas cachoeiras do rio Sete de Setembro, que possui várias quedas boas para quem está acompanhado de crianças. A mais alta delas, com um poço bom para vigorosas braçadas, é a cachoeira das Andorinhas, já no final da trilha.

Mas o correto mesmo é contratar um guia na cidade, que fica a 6 km do parque. Eles oferecem pacotes de acordo com a faixa etária dos turistas e disposição para caminhadas maiores ou menores, e ainda a segurança de que ninguém vai se perder entre as veredas do cerrado, onde alguns trechos chegam a ser perigosos.

Além dos passeios nas cachoeiras, no Centro Geodésico e na Cidade das Pedras, os guias oferecem outros mais difíceis, mas de resultado final compensador: a caverna Aroe Jari, muito bonita e de fácil exploração. Duro mesmo é chegar até lá, depois de uma caminhada de mais de uma hora sob o sol causticante do Planalto Central e não poder se banhar nas águas que correm dentro da caverna, por motivos ambientais que devem ser respeitados.

O outro passeio é a subida ao morro de São Gerônimo, o ponto mais alto da região. De lá, tem-se uma visão de 360 graus e em dias claros dá para enxergar a cidade de Cuiabá, distante 70 km. Mas a subida não é para qualquer um. Sempre entre pedras, algumas soltas que rolam quando são pisadas, num caminho longo e de pouca sombra. São mais de três horas entre ida e volta.



## Como chegar lá e onde ficar

Foto: Divulgação

Todas as companhias aéreas possuem vôos diários para Cuiabá, a capital do Mato Grosso. De qualquer lugar do país, o avião é a melhor opção, pois a cidade fica mesmo no coração do país e é longe de qualquer lugar.

Do aeroporto há vans e taxis que fazem corridas baratas até a Chapada. Os taxis ficam em torno de R\$ 80,00. Outra opção é tomar um ônibus até a rodoviária, de onde saem várias linhas para a Chapada, a cada meia hora aproximadamente. Os ônibus mais caros são os que têm ar condicionado (R\$ 3,00), mas vale a pena escolher um desses. O calor na região é realmente sufocante.

No centro da cidade há pousadas simples, mas muito limpas e com café da manhã bem variado, por até R\$ 30,00 a diária por pessoa. No caminho, próximo à entrada do Parque Nacional, está a pousada Laura Vicuña, ideal para quem viaja com crianças. Tem piscinas, toboágua, charretes e playground. As diárias estão entre R\$ 80,00 e R\$ 100,00 por casal.

Uma pousada considerada de luxo é a Penhasco, que fica no final da rua principal da cidade, à beira de um paredão. Ela tem chalés confortáveis e quadras de esporte, e um restaurante com vista fantástica para os chapadões. Uma trilha por entre árvores conduz a um mirante que, em dias claros, leva o olhar do turista até a distante Cuiabá. As diárias, no entanto, são salgadas: de R\$ 120,00 a R\$ 180,00 por casal.

Informações sobre pousadas, pacotes de viagens, guias turísticos e outras atrações podem ser obtidas no site [www.terra.chapadadosguimaraes.com.br](http://www.terra.chapadadosguimaraes.com.br), onde as reservas podem ser solicitadas com antecedência e os pacotes fechados, inclusive com traslado do aeroporto ou da rodoviária.

## O sertão que virou mar

A Chapada dos Guimarães é um museu arqueológico a céu aberto. Possui 46 sítios catalogados. Ali foram encontrados ossos de dinossauros do período jurássico, fósseis de inúmeros animais pré-históricos e conchas. Isto mesmo. Conchas do mar. A formação geológica da Chapada é uma das mais antigas do planeta. A região teria sido fundo do mar há 300 milhões de anos, depois deserto, e há 64 milhões uma densa floresta onde habitaram dinossauros. Há 15 milhões de anos ela era uma continuação da Cordilheira dos Andes. Então houve o afundamento da área onde hoje está a planície pantaneira (de lá dá para visitar também, em um dia, parte do Pantanal matogrossense), criando então a borda da Chapada, com uma diferença de altura vertical de mais de 350 metros.

Dizem os místicos que aquele ponto da terra, equidistante 1.500 km entre o Atlântico e o Pacífico, é uma região beneficiada energeticamente. Na pequena cidade que leva o mesmo nome do parque, as

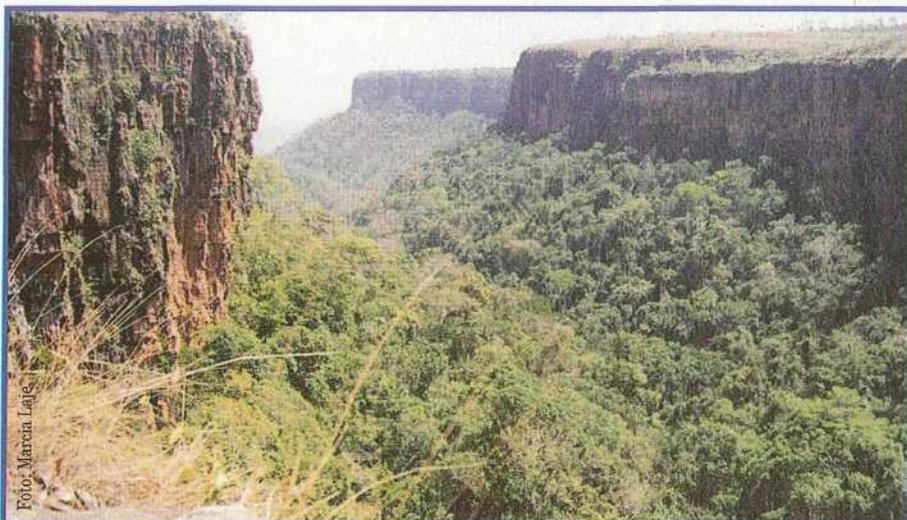


Foto: Marcia Lage

Formação geológica da região é uma das mais antigas do planeta

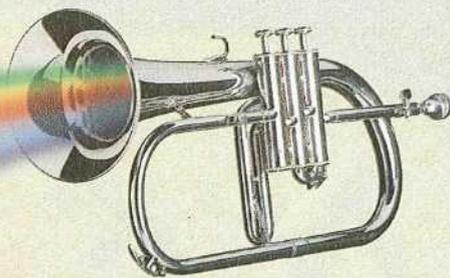
peças do lugar parecem acreditar nisso. São hospitaleiras, simpáticas, serenas. À noite, na pracinha cercada de bares e restaurantes que oferecem a bons preços a gostosa comida típica local (a base de peixe, farofa de banana e carne seca desfiada), artistas locais expõem bijuterias e pequenos objetos artesanais. E nunca se furtam a um papo sem pressa com os turistas.

Para quem gosta da noite, a praça

é uma festa. Fica "acordada" até altas madrugada, com gente passeando para lá e para cá, músicos locais se apresentando, casais tomando chope escuro nas calçadas dos bares ou dançando nas boates em torno. A igrejinha que fica do lado direito, "tomando conta" da praça, foi totalmente restaurada. É um exemplar único do século passado, em estilo colonial rústico, mas muito graciosa.



Foto: Marcia Lage



# 2001, um bom ano *instrumental*

■ Tárík de Souza

**A** despeito do desinteresse da mídia majoritária, este foi um ano fértil para a música instrumental. Inúmeros lançamentos de alta qualidade mostram o pulso do setor e oferecem ricas escolhas a quem procura no universo dos sons algo além da diversão rápida e esquecível. Alguns exemplos recentes que não podem faltar nas boas discotecas:

# **Cordas cruzadas** (Rob Digital) - Quarteto de violões Maogani (Marcus Tardelli, Carlos Chaves, Marcos Alves, Paulo Aragão). Com participações vocais de Monica Salmaso (**Guingando**), Joyce (**For all**), Ed Motta (**Afoggy day in Teresópolis**) e Guinga (**Choro requiem**), o grupo que alterna timbres do cavaquinho ao violão requinto reconstrói temas como **Passaredo** de Francis Hime e Chico Buarque, este levado em pizzicatos e efeitos que emulam pássaros. Em **Samba novo** (Baden Powell), os violões ressoam como marimbas e há ainda homenagens a outros mestres instrumentais como João Donato (**Bananeira**, cheia de deslocamentos rítmicos), Hermeto Pascoal (**Ilza no. 83**, uma valsa com dissonâncias) e Hélio Delmiro (**Chama**, um choro acidentado) em desempenhos à altura deles.

# **Choro choro choro. com. Déo Rian** (Independente). Discípulo direto de Jacob do Bandolim, Déo Rian já tem

no filho Bruno um seguidor de estirpe. Aliados a outros craques como André Bellieny (sete cordas), Márcio Almeida (seis cordas), Ubyratan de Oliveira e Valmar Amorim (cavaquinhos) pai e filho destilam um requintado cardápio de choros, valsas, polcas e o lundu característico de Joaquim Callado. Há ainda Pixinguinha (**Sofres porque queres, Ainda existe**), Ernesto Nazareth (**Sutil**), Rossini Ferreira (**De galho em galho**) e Claudionor Cruz (**Caçula**, com Beatriz Dutra).

# **Pedra do espia** (Jam Music) - Itiberê Orquestra Família. Formado na universidade informal do bruxo Hermeto Pascoal em cujo grupo atuou durante muitos anos, o baixista Itiberê Zwarg lidera uma banda de 30 músicos neste ambicioso CD duplo. Entre os instrumentos há clarone, escaleta, viola caipira, pifano e melofone, além de guitarras, piano, contrabaixos e todo tipo de sopro e percussão. Sempre longe do banal, frequentemente acoplado vocálice ao timbre dos instrumentos, esta originalíssima família vai do samba quebrado (**Na esquina**) à **Toada cigana**, do **Forró do encontro dos rios** à valsa em compasso alterado (**Doce**). Intensa polifonia de timbres e idéias sonoras.

# **Brasil, um século de saxofone** (CPC/UMES) - JP Sax. Formado por João Leite (soprano), José de Arimatéia (alto e clarinete), Rivaldo Dias (tenor),

Heleno Feitosa (sax-barítono), Xisto Medeiros (baixo acústico, elétrico, baixolão) e Hermes Gonguê (bateria, percussão), este grupo de João Pessoa, PB, celebra os grandes saxofonistas/ autores do país. Em arranjos de arquitetura arrojada recriam de Anacleto de Medeiros (**Santinha**) e Pixinguinha (**Lamentos**) a Paulo Moura (**Tarde de chuva**). De Victor Assis Brasil (**Pro Zeca**) a Carlos Malta (**Ponto de bala**) e o mestre dos mestres Moacir Santos, que deu duas inéditas ao grupo (**Amalgamation, Excerts # 1**).

# **Abre alas** (Caravelas) — Brasília Brasil. Consagrado aos 25 anos por suas atuações no Dois de Ouro (com o irmão Fernando César) em dupla com o violonista Marco Pereira e em carreira solo, Hamilton Holanda dá corda a dois novos talentos da cena do choro de Brasília, Rogério Caetano (sete cordas) e Daniel Santiago (violão de seis). Numa concepção livre do universo temático do choro, o trio exhibe seu virtuosismo num repertório que encorda de João Bosco (Nação) a Dominginhos e Nando Cordel (**Gostoso demais**). E de Hermeto Pascoal (**Menina Ilza**) a Gonzaguinha (**É**).

# **Um pequeno concerto** (Kuarup) - Roberto Corrêa. Para algumas elites, caipira ainda é sinônimo de jeca e viola, coisa dos matutos dos cafundós. O mineiro radicado em Brasília Roberto Corrêa mostra com o apuro de seu toque que a belíssima sonoridade do instrumento pode frequentar as salas de concerto como qualquer Stradivarius que se preze. Deleitem-se com suas magníficas recriações de **Chico mineiro**, **O trenzinho do caipira**, **Siriema**, **Saudades de Matão** e **Pagode em Brasília**.

Tárík de Souza,  
Jornalista



# Viola Caipirina

## A identidade rural do Brasil

**E**la é triste por excelência, chorosa, nostálgica. Suas marcas registradas são a viola, o violeiro e 'o amor que se tocam', na definição de Almir Sater. O tema amoroso e o sentimento de perda têm origem nas figuras do português exilado, do índio expulso de seu habitat e do africano tirado de suas raízes e trazido para um lugar estranho. Nascida de uma mistura de sons indígenas, africanos e europeus, a música caipira é o retrato em preto e branco de muitos brasis dentro do Brasil: o rural/interioriano e o urbano/moderno.

Representa a própria identidade brasileira, cultivada principalmente em São

Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás e no Mato Grosso do Sul. Trata-se da região mais populosa do país, o que leva o gênero a ocupar cerca de 60% do mercado fonográfico nacional.

"Viola não toca, mas chora", diz ditado popular antigo

Fruto da poesia da terra, a música caipira canta casos e saudades, sem se preocupar com o rebuscamento melódico ou com os aparatos eletrônicos da música comercial. No início, ainda no período coloni-

al, as letras das músicas recorriam às lendas indígenas e às canções religiosas portuguesas, com predominância do estilo jesuítico. A meta era a catequese e o entretenimento. Mas, com o tempo, passou a fazer parte do Cotidiano do peão de boiadeiro, do tropeiro e do sertanejo solitário. As canções, quase sempre, falavam da lida com o gado, da vida simples do interior, do trabalho do homem do campo, do misticismo e dos amores do camponês.

Viola é dom de Deus. Assim pensa o jornalista Romildo Sant' Anna, autor da obra "A moda é viola" (uma espécie de 'bíblia' literária do cantar caipira). Ele recorre a um ditado popular antigo "a viola não toca, mas chora" para explicar o porquê da música caipira vincular-se à autêntica identidade cultural do Brasil. "É essa música que nos prende à terra e às nossas raízes. A base literária dessa estética da oralidade é europeia, oriunda do romanceiro tradicional ibérico, com poemas de cunho narrativos, realizados em versos de oito sílabas métricas (contagem ibérica) e que eram recitados e acompanhados por um instrumento: a vihuela hispânica, que mais tarde deu origem à viola".



## Marco da música caipira é 1929

Em decorrência dessa influência ibérica narrativa, mais tarde adaptada para o formato religioso e de entretenimento, a moda caipira apresenta características nacionais permanentes. Tanto que música e letra tendem a ser criadas em sintonia com os diversos sotaques rurais, de maneira que a melodia segue o ritmo e a inflexão natural da língua. O gênero, segundo Sant'Anna, possui cinco categorias: moda de viola, curara, cateretê, toada e pagode de viola. Ele observa que a toada se originou do recortado mineiro e se espalhou por todo o Brasil, enquanto o pagode de viola - resultado da mistura do recortado mineiro com o cateretê - foi criado na década de 50 por Lourival dos Santos, Tião Carreiro e Pardinho e Teddy Vieira e Carreirinho.

Mas o grande marco da música caipira no Brasil é o ano de 1929, quando houve um corte histórico. Antes desta data, uma moda de viola costumava durar duas horas, haja vista que transpunha quase literalmente os poemas do romanceiro peninsular ibérico, com início, meio e fim. Igual a um folhetim em capítulos, conforme define Romildo Sant'Anna. Apenas a partir de 1929, a roda caipira chegou às rádios por iniciativa de Cornélio Pires, que financiou a gravação do primeiro long-play com duplas sertanejas. Essas gravações, independentes, duravam em média três minutos e meio.

Pires também estava vinculado ao ideário da Semana de Arte Moderna de 1922, contando para isso com a preciosa influência do escritor Mário de Andrade.

## Moda caipira rima com diversidade regional do país

Diferentemente da nova música sertaneja veiculada pela mídia, que abandona os temas rurais e mistura o caipira brasileiro com o Country norte-americano, a moda caipira de raiz reflete a diversidade regional do país. Artistas sertanejos como Xitãozinho e Xororó e Zezé de Camargo e Luciano são produtos de uma cultura glamourizada e globalizada, produzida com o objetivo de vender.

Já nomes como Tônico e Tinoco, Pena Branca e Xavantinho, Alvarenga e Ranchinho e Cascatinha e Inhana são alguns dos expoentes de uma forma de construção musical identificada com os segredos do mato, os sotaques de folia e com a arveoada das garças em cima dos pantanais. A nova geração desse movimento está representada por Almir Sater, Pereira da Viola, Ivan Vilela, Roberto Corrêa e por Zé Gomes.

Outra expressão desse universo é Inezita Barroso, considerada hoje a maior divulgadora da música caipira no país. O programa "Viola, minha viola" que ela apresenta pela TV Cultura está no ar há mais de 20 anos e revela antigos e novos talentos da música de raiz, numa prova de que o gênero não está fadado a desaparecer.

## Um exemplo de escola musical

Quem deseja ser violeiro, contrariando Tião Carreiro que cunhou a frase de que "viola não se aprende na escola", agora tem endereço certo. Fica em São Paulo uma escola de formação musical exclusiva em viola caipira do Brasil. Inaugurado em 29 de setembro de 2001, o Instituto São Gonçalo de Cultura Caipira surgiu em função da necessidade da Orquestra Paulistana de Viola Caipira ter uma sede. O mentor e coordenador da idéia é Rui Torneze, professor de viola caipira e regente da orquestra, que por sua vez está vinculada à ULM (Universidade Livre de Música Tom Jobim).

O Instituto São Gonçalo de Cultura Caipira é o primeiro voltado exclusivamente para a cultura caipira: os instrumentos, a culinária, as tradições festivas e religiosas, a documentação e o registro histórico. Trata-se de uma experiência que, segundo Torneze, procura promover um estudo e uma vivência dos costumes caipiras

São 45 alunos inscritos. Um dos fundadores do instituto, membro da orquestra e aluno da ULM é o empregado da Caixa João Alberto Garcia Moschkovich (Betão), secretário-geral da Fetec-SP (Federação dos Trabalhadores em Empresas de Crédito de São Paulo). Para Betão, que apurou seu gosto musical por influência da mãe que cantava, a moda caipira é expressão de um modo de vida.

Para ser membro do instituto, o interessado deve acessar o site [www.violapaulistana.hpg.com.br](http://www.violapaulistana.hpg.com.br). Informações podem ser obtidas pelo e-mail [violapaulista@ig.com.br](mailto:violapaulista@ig.com.br) ou pelo telefone (11) 6682-7780.

# Jogo de Malha

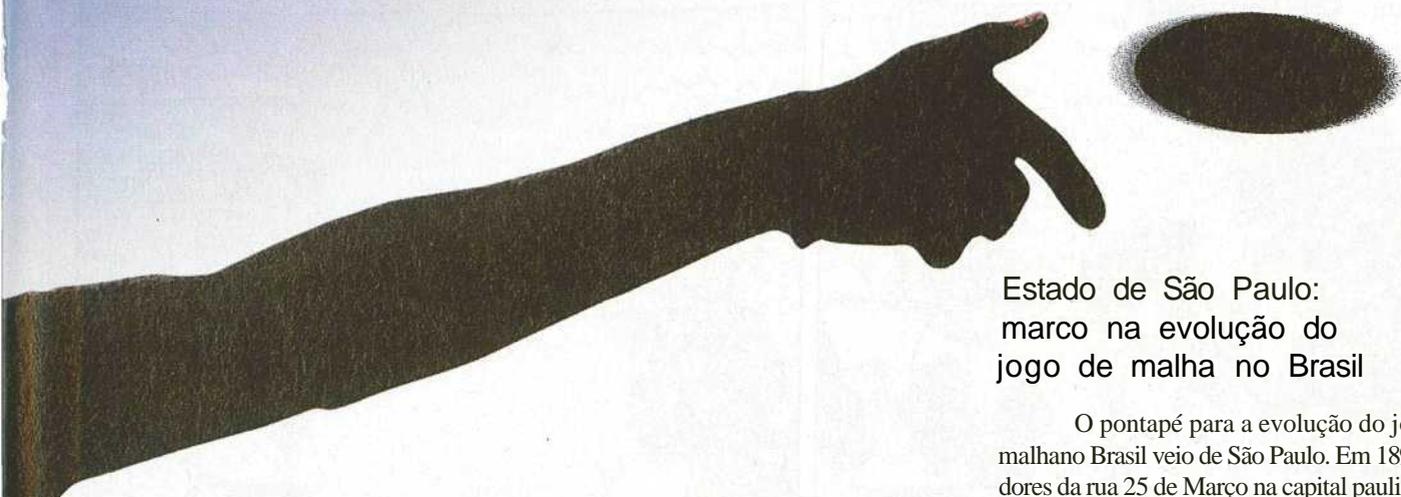
Chegou ao Brasil na época colonial.  
Reconhecimento oficial é de 1933



*Pratica-se a modalidade em um campo de malha de 40 m. É preciso fazer 150 pontos.*



*A malha pesa de 500g a 700g e possui 11 cm de diâmetro. Já o diâmetro do pino é de 3 cm.*



## Combate ao estresse do dia-a-dia agitado

**J**ogo de malha, truco, bilharda, raioula, amarelinha. É grande a lista de práticas esportivas não divulgadas pela mídia no Brasil. Não por saudosismo, mas ignorando preconceitos e desafiando o tempo, um número elevado de adultos tem como hábito a prática de jogos e passatempos tidos como exóticos. Muitas vezes, o que é visto apenas como divertimento se transforma num oportuno meio para suprimir o estresse do dia-a-dia agitado. O jogo de malha é uma atividade que desenvolve as habilidades manuais, a coordenação motora e o instinto de competição entre seus simpatizantes.

Tradicionalmente, por requerer uma boa dose de força física, o jogo de malha é um esporte praticado por pessoas do sexo masculino. As regras e a maneira de como se pratica essa modalidade esportiva foram estabelecidas por ho-

mens. Consiste no lançamento de discos de ferro ('malhas') contra pequenos tocos de madeira ('pinos'), os quais, postos a certa distância, devem ser derrubados pelos 'malhadores'. O jogador que consegue derrubar os pinos marca quatro pontos. Marca dois pontos quando consegue ficar próximo do pino e dentro do círculo, com as malhas.

Oriundo de Portugal, onde o povo costumava praticá-lo nos quintais das residências, o jogo de malha chegou ao Brasil na época da Colônia. Atualmente, o esporte faz parte do Cotidiano dos ambientes rurais. O ano de 1933 é um marco para o jogo de malha em nível nacional. É desta época o reconhecimento oficial desse esporte, quando surgiu a Federação Paulista de Malha. Outras federações estaduais surgiram anos depois, fazendo com que o jogo se difundisse por todo o país.

O jogo é praticado nas ruas e não tem adeptos entre as mulheres

### Estado de São Paulo: marco na evolução do jogo de malha no Brasil

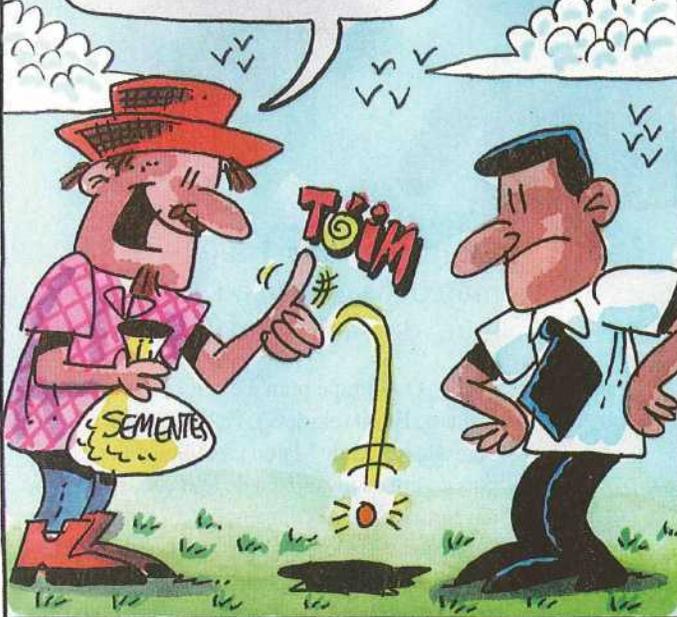
O pontapé para a evolução do jogo da malhana Brasil veio de São Paulo. Em 1890, moradores da rua 25 de Março na capital paulista, depois de um exaustivo dia de trabalho, se divertiam participando de competições. Com formatos e tamanhos variados, as peças usadas pelos trabalhadores eram rudimentares: pedras, ferraduras e pedaços de chapas de ferro. Daí foi um pulo para que essa modalidade se tornasse corriqueira entre as pessoas humildes. Hoje, o jornal A Gazeta Esportiva, com sede em São Paulo, é um dos principais incentivadores do jogo de malha no país, com a promoção de torneios bastantes concorridos. O cenário nacional dessa prática esportiva é dominado por São Paulo, Rio e Minas Gerais.

Alguns pressupostos são necessários para quem pratica o jogo de malha: muita coordenação motora, preparo físico e boa saúde psíquica. Esse esporte, aliás, é praticado em um campo de malha de 40 m. Um pino de 18 cm, dividido em duas partes, fica localizado em cada extremidade do campo. A maior é cilíndrica, tem 13 cm e fica na extremidade de baixo. Na extremidade alta, localiza-se o pino de 5 cm, em formato de cone. O diâmetro do pino é de 3 cm.

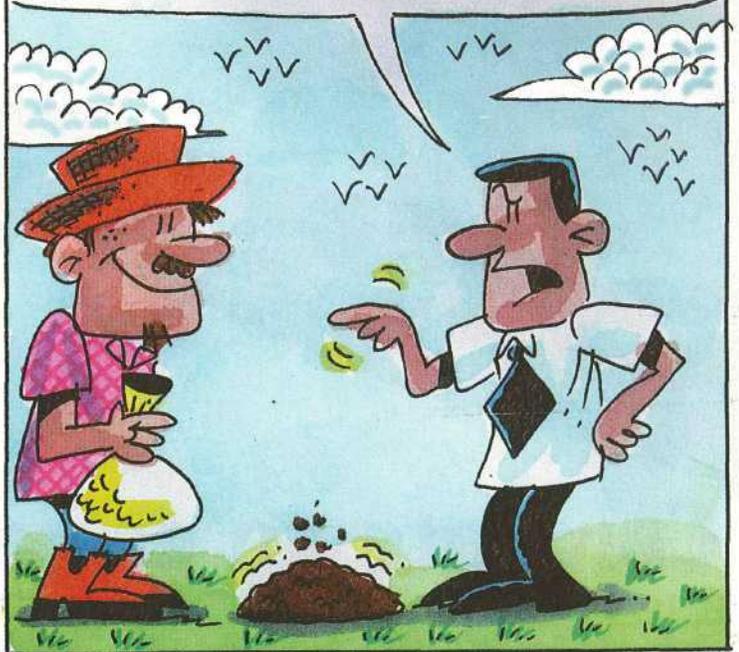
No decorrer do jogo, cada participante tem direito a arremessar duas malhas. A malha é 'queimada' quando bate no meio-fio, não contando ponto para o jogo. As competições oficiais são disputadas em 150 pontos. Dois juizes, um em cada lado do campo, controlam o jogo. O jogador, por sua vez, deve arremessar sua malha na linha atrás do pino. Se pisar na linha no instante do arremesso, sua jogada será 'queimada' (nula). A malha pesa de 500g a 700g e possui 11 cm de diâmetro.

# SEMENTES DA CIDADANIA

O BRASIL TEM MILHÕES DE KM<sup>2</sup> DE TERRA PRA PLANTAR! A FOME NO BRASIL A GENTE RESOLVE ASSIM, COM UM **DEDINHO!**..



É, MAS O PROBLEMA DA FOME NO BRASIL É **POLÍTICO!!!** O GOVERNO NÃO ACABA COM A FOME PORQUE NÃO QUER!



AH, MAS ISSO A GENTE TAMBÉM RESOLVE COM UM **DEDINHO!**..



Se você estiver no Brasil e precisar  
fazer um seguro, consulte-nos.  
Estamos sempre por perto.



Ao longo dos 28 anos de sua história, a FENAE Corretora desenvolveu produtos e serviços que a credenciam a operar em todos os ramos de seguros, com seriedade e competência.

Aliando experiência à modernidade, a FENAE Corretora de Seguros é uma

empresa que trabalha com as mais atualizadas ferramentas, que possibilitam atender seus clientes de maneira diferenciada, de acordo com suas características e necessidades, Por isso, quando precisar de assessoria em seguros, conte sempre com a FENAE Corretora de Seguros.

# FENAE

CORRETORA DE SEGUROS

Visite nossa Home Page: [www.fenaeseg.com.br](http://www.fenaeseg.com.br)



# FENAE AGORA

## Sua viagem na melhor companhia



### PORTO SEGURO

#### HOTEL MAIRYPORÃ

Saída de:	Valor R\$
Belo Horizonte.....	.886,00
Brasília.....	1.144,00
Goiânia.....	1.046,00
Rio de Janeiro.....	.998,00
São Paulo.....	1.044,00
Belém.....	1.463,00
Recife.....	1.044,00
São Luiz.....	1.451,00
Salvador.....	.831,00
Manaus.....	1.536,00

### MACEIÓ

#### HOTEL PORTO DA PRAIA

Saída de:	Valor R\$
Belo Horizonte.....	1.185,00
Brasília.....	1.157,00
Goiânia.....	1.203,00
Rio de Janeiro.....	1.211,00
São Paulo.....	1.292,00
Belém.....	1.273,00
Recife.....	.855,00
São Luiz.....	1.193,00
Salvador.....	.826,00
Manaus.....	1.544,00

### SERRAS GAÚCHAS

#### POUSADA SÃO LUCAS

Saída de:	Valor R\$
Belo Horizonte.....	1.096,00
Brasília.....	1.185,00
Goiânia.....	1.184,00
Rio de Janeiro.....	1.054,00
São Paulo.....	.949,00
Belém.....	1.591,00
Recife.....	1.217,00
São Luiz.....	1.576,00
Salvador.....	1.355,00
Manaus.....	1.644,00

### PORTO DE GALINHAS

#### HOTEL SOLAR PORTO DE GALINHAS

Saída de:	Valor R\$
Belo Horizonte.....	1.544,00
Brasília.....	1.520,00
Goiânia.....	1.576,00
Rio de Janeiro.....	1.564,00
São Paulo.....	1.645,00
Belém.....	1.542,00
São Luiz.....	1.418,00
Salvador.....	1.207,00
Manaus.....	1.821,00

### FORTALEZA

#### HOTEL DELPHIA NEW LIFE

Saída de:	Valor R\$
Belo Horizonte.....	1.279,00
Brasília.....	1.152,00
Goiânia.....	1.208,00
Rio de Janeiro.....	1.323,00
São Paulo.....	1.345,00
Belém.....	.987,00
Recife.....	.831,00
São Luiz.....	.831,00
Salvador.....	1.046,00
Manaus.....	1.305,00

### NATAL

#### HOTEL BELLO MARE

Saída de:	Valor R\$
Belo Horizonte.....	1.171,00
Brasília.....	1.177,00
Goiânia.....	1.152,00
Rio de Janeiro.....	1.195,00
São Paulo.....	1.283,00
Belém.....	1.073,00
Recife.....	.611,00
São Luiz.....	.939,00
Salvador.....	.869,00
Manaus.....	1.358,00

**Formas de pagamento a partir de: 5X sem juros**

### Os pacotes incluem:

- Passagem ida/volta voando VASP, 07noites de hospedagem com café, tras-lados aeroporto/hotel/ aeroporto, city tour, 1 passeio e bolsa de viagem.
- Os preços são por pessoa em apto duplo categoria Standard, válidos para saídas Dezembro e Janeiro (exceto Natal, Reveillon)
- Preços sujeitos a reajuste sem prévio aviso e não válidos para congressos e feriados.

### SALVADOR

#### HOTEL SOL BAHIA ATLÂNTICO

Saída de:	Valor R\$
Belo Horizonte.....	1.030,00
Brasília.....	1.057,00
Goiânia.....	1.110,00
Rio de Janeiro.....	1.099,00
São Paulo.....	1.208,00
Belém.....	1.395,00
Recife.....	.916,00
São Luiz.....	1.284,00
Manaus.....	1.517,00

FENAE TUR - END: SHS QD 01 GAL. HOTEL NACIONAL - LOJA 46/47 FONE: 61-321-4460 OU 61-321-4830

TOLL FREE: 0800-614050 Email: [fenaetur@fena.org.br](mailto:fenaetur@fena.org.br)